



As opiniões expressas nas publicações da OIM - Organização Internacional para as Migrações são dos autores e não reflectem necessariamente a opinião da OIM. As denominações utilizadas no presente relatório e a forma pela qual são apresentados os dados não implicam, por parte da OIM, qualquer opinião sobre a condição jurídica dos países, territórios, cidades ou áreas, ou mesmo as suas autoridades, nem tão pouco a respeito à delimitação de suas fronteiras ou limites. Quaisquer erros e omissões são da responsabilidade dos autores.

A OIM compromete-se pelo princípio de que a migração ordenada e em condições humanas beneficia os migrantes e a sociedade. Como organização intergovernamental, a OIM actua com os seus parceiros da comunidade internacional para: ajudar a enfrentar os crescentes desafios da gestão da migração; fomentar a compreensão das questões migratórias; promover o desenvolvimento social e económico através da migração; e garantir o respeito pela dignidade humana e bem-estar dos migrantes.

Edição:: Organização Internacional para as Migrações
17 route des Morillons
C.P. 17
1211 Geneva 19
Switzerland
Tel.: +41 22 717 9111
Fax: +41 22 798 6150
Email: hq@iom.int
Internet: www.iom.int

Foto de capa: Muitos das mais de 300 mil pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas que atravessam a fronteira do Equador com a Colômbia passam por este ponto de fronteira em Ipiales, na Colômbia. Outras se enveredam por *trochas* (trilhas informais e mais perigosas), em áreas rurais através de montanhas e rios para entrar no Equador. © OIM 2019/Muse Mohammed

Citação exigida: Organização Internacional para as Migrações (OIM), 2021. Migração e migrantes: panorama mundial. Em: *Relatório Mundial sobre Migração 2022* (M. McAuliffe e A. Triandafyllidou, eds.). OIM, Genebra.

ISBN 978-92-9268-535-5 (PDF)

© IOM 2022



Alguns direitos reservados. Este trabalho é disponibilizado por [licencia Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 IGO](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/igo/legalcode) (CC BY-NC-ND 3.0 IGO)*.

Para mais especificações por favor consultar [Copyright and Terms of Use](#).

Nenhuma parte desta publicação pode ser usada, reproduzida ou transmitida para fins que sejam primordialmente comerciais ou que envolvam compensação monetária, com exceção de fins educativos, por exemplo, para ser incluído em livros didáticos.

Autorizações: solicitações para uso commercial ou outros direitos and licenciamento devem ser encaminhados para publications@iom.int.

* <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/igo/legalcode>

2

MIGRAÇÃO E MIGRANTES: PANORAMA MUNDIAL

Apresentação

Descrever e analisar como a migração no mundo todo está mudando a partir de uma variedade de perspectivas diferentes, incluindo aquelas que envolvem dimensões econômicas, sociais e de segurança (e marcos legais e políticas associadas), deve começar com uma compreensão das métricas fundamentais. A migração humana pode muito bem ser uma atividade milenar que atinge quase todas as sociedades do mundo. No entanto, está mudando de maneiras importantes. Examinar as mudanças em termos de escala, direção, demografia e frequência pode esclarecer como a migração está evoluindo, ao mesmo tempo em que aponta tendências de longo prazo que foram moldadas por eventos históricos e recentes.

A estimativa global atual é de que havia cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no mundo em 2020, o que equivale a 3,6% da população global.¹ Um primeiro ponto importante a ser observado é que essa é uma minoria muito pequena da população mundial, o que significa que permanecer no país de nascimento continua sendo a norma. A grande maioria das pessoas não migra através das fronteiras; um número muito maior de pessoas migra dentro dos países.²

Dito isto, essas estimativas referem-se a populações migrantes, em vez de eventos de trânsito. A pandemia de covid-19 destacou as interconexões entre migração e mobilidade, com as restrições de viagem decorrentes da pandemia resultando em uma imobilidade sem precedentes no mundo todo. No momento da redação deste artigo (julho de 2021), as restrições de viagem em muitos países estavam sendo (re)impostas ou reforçadas à medida que as cepas de vírus circulam pelo mundo, testando a resiliência coletiva do mundo frente a uma crise global de saúde inédita no século anterior.

Quando os regimes de mobilidade não são impedidos por pandemias globais, a esmagadora maioria das pessoas migra internacionalmente por motivos relacionados a trabalho, família e estudos — o que envolve processos de migração que ocorrem em grande parte sem desafiar fundamentalmente os migrantes ou os países em que entram. Por outro lado, outras pessoas deixam as suas casas e países por uma série de razões convincentes e às vezes trágicas, como conflitos, perseguições e desastres. Ao mesmo tempo em que as pessoas que foram deslocadas — como as refugiadas e deslocadas internamente — representam uma porcentagem relativamente pequena de todos os migrantes, em geral são elas que mais precisam de assistência e apoio.

Este capítulo, com foco nos principais dados e tendências globais da migração, assim como novos dados relacionados a mobilidade e viagens em tempos de covid-19, procura ajudar as pessoas responsáveis por formular políticas, profissionais e pesquisadores da migração a entenderem melhor o panorama geral da migração, dando uma visão geral das informações sobre migração e migrantes. O capítulo se baseia em fontes estatísticas atuais compiladas pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (DESA), Organização

1 Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 2021a.

2 A estimativa mais recente foi de 740 milhões de migrantes internos no mundo todo em 2009 (UNDP, 2009).

para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Organização Internacional do Trabalho (OIT), Banco Mundial, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), Centro Interno de Monitoramento de Deslocamentos (IDMC), Organização Internacional para as Migrações (OIM) e a Universidade de Oxford.³ O capítulo oferece uma visão geral dos dados e tendências globais sobre migrantes internacionais (populações) e migração internacional (fluxos). Também abre uma discussão de grupos de migrantes específicos — ou seja, trabalhadores migrantes, pessoas refugiadas, requerentes de asilo, deslocadas internamente e desaparecidas — assim como de remessas internacionais e restrições de mobilidade relacionadas com a covid-19.

O capítulo também se refere ao conjunto de dados programáticos da OIM, particularmente sobre retornos voluntários assistidos e reintegração, reassentamento e rastreamento de deslocamento.⁴ Embora esses dados em geral não sejam globais ou representativos, eles podem dar informações sobre as mudanças que ocorreram em operações e programação relevantes no nível global. Como agência de migração da Organização das Nações Unidas, com atividades relevantes para todos os temas discutidos neste capítulo, os dados da OIM têm a capacidade de dar mais informações sobre a migração e as suas diversas dinâmicas, incluindo as diversas necessidades dos migrantes.

Definição de migração, migrante e outros termos-chaves

Fora das definições gerais de migração e migrante, como as encontradas em dicionários, existem várias definições específicas de termos-chaves relacionados à migração, inclusive nas esferas jurídica, administrativa, de pesquisa e estatística.^a Embora não haja uma definição universalmente aceita de migração ou migrante, várias definições são amplamente aceitas e foram desenvolvidas em diferentes contextos, como aquelas estabelecidas nas Recomendações sobre Estatísticas de Migração Internacional da DESA de 1998.^b O trabalho foi recentemente concluído pela Divisão de Estatística das Nações Unidas e uma força-tarefa dos Grupo de Especialistas das Nações Unidas sobre Estatísticas de Migração referente a um marco conceitual revisado sobre estatísticas de migração e mobilidade internacional para orientar o processo em andamento na atualização das Recomendações de 1998.^c A estrutura conceitual foi endossada pela Comissão Estatística das Nações Unidas em sua 52ª sessão em março de 2021, abrindo caminho para recomendações revisadas sobre migrantes internacionais e mobilidade que são mais capazes de dar conta de diferentes aspectos da mobilidade, incluindo a migração.^d A estrutura conceitual está resumida no Apêndice A.

As definições técnicas, conceitos e categorias de migrantes e migração são necessariamente informados por fatores geográficos, legais, políticos, metodológicos, temporais e outros. Por exemplo, existem inúmeras maneiras pelas quais os eventos de migração podem ser definidos, inclusive em relação ao local de nascimento, cidadania, local de residência e duração da estadia.^e Isso é importante quando se trata de quantificar e analisar os efeitos da migração e dos migrantes, independentemente de como for definido. Incentivamos os leitores a consultarem as principais fontes citadas no capítulo para obter informações sobre definições e categorizações específicas subjacentes aos dados. Os leitores também podem encontrar no *Glossário da Migração da OIM* (edição 2019) uma referência útil. O *Glossário* está disponível na Plataforma de Publicações da OIM: <https://publications.iom.int/books/international-migration-law-ndeg34-glossary-migration>.

a Ver, por exemplo, Poulain e Perrin, 2001.

b Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 1998.

c Divisão de Estatísticas da Organização das Nações Unidas, 2021.

d Comissão Estatística da Organização das Nações Unidas, 2021.

e Ver, por exemplo, de Beer et al., 2010.

3 Para manter o escopo deste relatório, as estatísticas utilizadas neste capítulo estavam atualizadas em 30 de junho de 2021, salvo indicação em contrário.

4 Os dados da OIM sobre vítimas de tráfico humano são apresentados no Capítulo 10 deste relatório.

Migrantes internacionais: números e tendências

O DESA produz estimativas do número de migrantes internacionais no mundo todo. A seguinte discussão baseia-se nas suas estimativas, que se fundamentam em dados indicados pelos Estados.⁵ As atuais *Recomendações da Organização das Nações Unidas sobre Estatísticas da Migração Internacional* definem um “migrante internacional” como qualquer pessoa que tenha mudado de país de residência habitual, distinguindo entre “migrantes de curto prazo” (aqueles que mudaram os seus países de residência habitual por pelo menos três meses, mas menos de um ano) e “migrantes de longo prazo” (aqueles que o fazem há pelo menos um ano). No entanto, nem todos os países usam essa definição na prática.⁶ Alguns países usam critérios diferentes para identificar migrantes internacionais, por exemplo, aplicando diferentes durações mínimas de residência. As diferenças de conceitos e definições, assim como as metodologias de coleta de dados entre países, dificultam a comparabilidade total das estatísticas nacionais sobre migrantes internacionais. Uma revisão das recomendações da Organização das Nações Unidas está atualmente em andamento, conforme discutido na caixa de texto acima.

O número estimado de migrantes internacionais aumentou nos últimos 50 anos. Em 2020, quase 281 milhões de pessoas viviam em um país diferente do seu país de nascimento, ou cerca de 128 milhões a mais de 30 anos atrás, em 1990 (153 milhões), e mais de três vezes o número estimado em 1970 (84 milhões). A proporção de migrantes internacionais como parcela da população global total também aumentou, mas apenas de forma incremental. A grande maioria das pessoas vive no país em que nasceu. O impacto da covid-19 na população global de migrantes internacionais é um pouco difícil de avaliar, já que uma das razões para isso é que os últimos dados disponíveis são de meados de 2020,⁷ bem no início da pandemia. Dito isto, estima-se que a covid-19 possa ter reduzido o crescimento da população de migrantes internacionais em cerca de 2 milhões. Em outras palavras, se a covid-19 não tivesse acontecido, o número de migrantes internacionais em 2020 provavelmente seria de cerca de 283 milhões.⁸

Tabela 1. Migrantes internacionais, 1970-2020

Ano	Número de migrantes internacionais	Migrantes como % da população mundial
1970	84 460 125	2.3
1975	90 368 010	2.2
1980	101 983 149	2.3
1985	113 206 691	2.3
1990	152 986 157	2.9
1995	161 289 976	2.8
2000	173 230 585	2.8
2005	191 446 828	2.9
2010	220 983 187	3.2
2015	247 958 644	3.4
2020	280 598 105	3.6

Fontes: DESA, 2008; DESA, 2021a.

Observação: O número de entidades (como Estados, territórios e regiões administrativas) para as quais os dados foram disponibilizados na População Internacional de Migrantes do DESA 2020 foi de 232. Em 1970, o número de entidades era de 135.

5 Os dados também são fornecidos ao DESA segundo os territórios e unidades administrativas. Para um resumo sobre fontes de dados de população da DESA, metodologia e ressalvas, consulte DESA, 2021b.

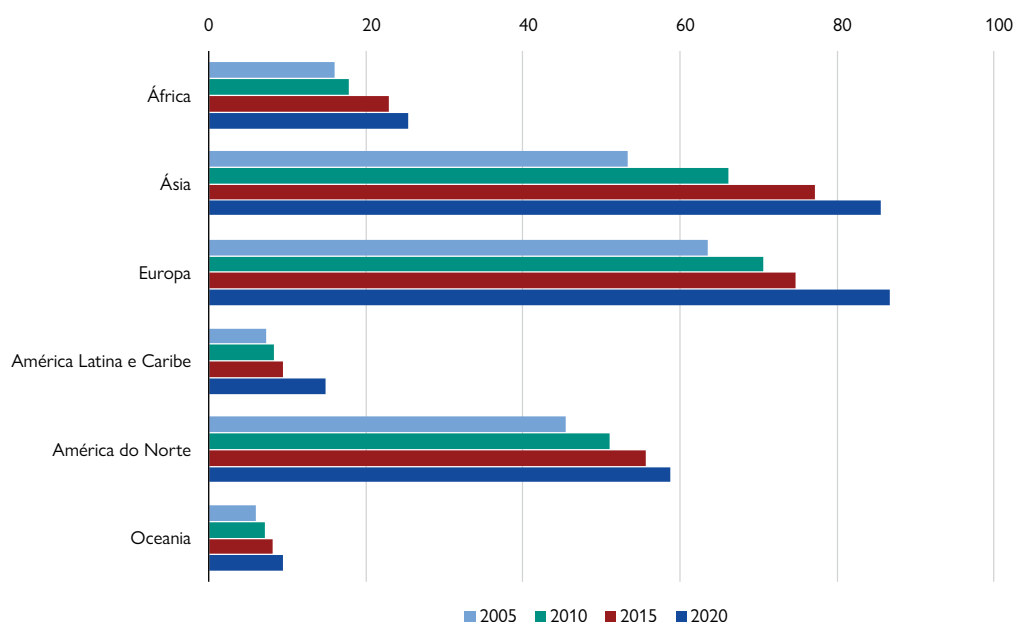
6 Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 1998.

7 Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 2021b.

8 Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 2021c.

Quando as populações migrantes internacionais são examinadas por região da Organização das Nações Unidas, a Europa é atualmente o maior destino de migrantes internacionais, com 87 milhões de migrantes (30,9% da população migrante internacional), seguido de perto pelos 86 milhões de migrantes internacionais que vivem na Ásia (30,5%).⁹ A América do Norte é o destino de 59 milhões de migrantes internacionais (20,9%), seguida da África com 25 milhões de migrantes (9%). Nos últimos 15 anos, o número de migrantes internacionais na América Latina e no Caribe mais que dobrou de cerca de 7 milhões para 15 milhões, tornando-se a região com a maior taxa de crescimento de migrantes internacionais e o destino de 5,3% de todos migrantes internacionais. Cerca de 9 milhões de migrantes internacionais vivem na Oceania, ou cerca de 3,3% de todos os migrantes. O crescimento de migrantes internacionais vivendo em cada região entre 2005 e 2020 é mostrado na Figura 1.

Figura 1. Migrantes internacionais, segundo região de residência principal, 2005 a 2020 (milhões)



Fonte: Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 2021a.

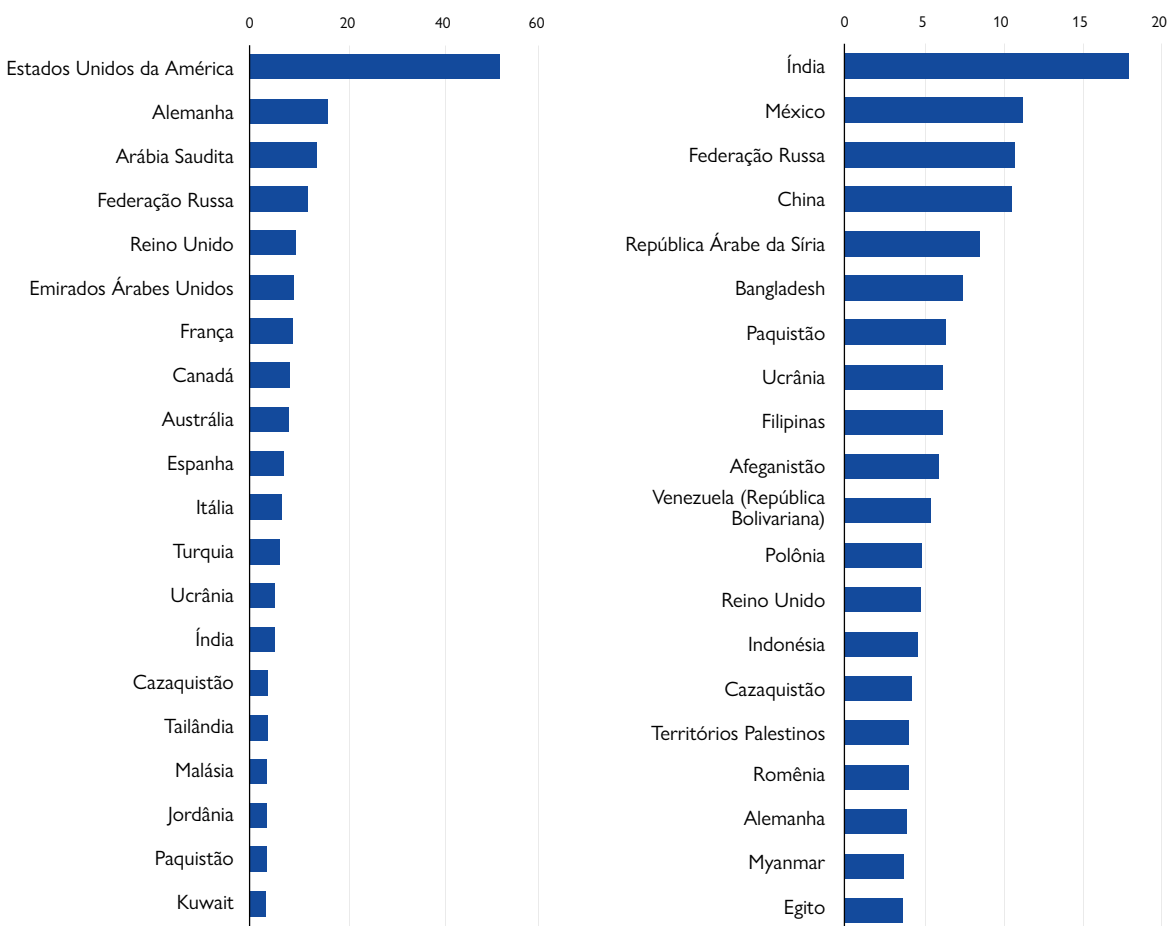
A Oceania tem a maior proporção de migrantes internacionais como proporção da população total, com 22% da população nascida em outro país. A América do Norte tem a segunda maior parcela de migrantes internacionais com 15,9%, seguida pela Europa com 11,6%. A América Latina e o Caribe, a África e a Ásia têm 2,3%, 1,9% e 1,8% de migrantes internacionais, respectivamente.

Como tem sido o caso nos últimos 50 anos, os Estados Unidos da América continuam sendo o principal destino dos migrantes, com mais de 51 milhões de migrantes internacionais. A Alemanha se tornou o segundo destino mais importante, com quase 16 milhões de migrantes internacionais, enquanto a Arábia Saudita é o terceiro maior país de destino para migrantes internacionais, com 13 milhões. A Federação Russa e o Reino Unido completam os cinco principais países de destino, com cerca de 12 milhões e 9 milhões de migrantes internacionais, respectivamente. Uma lista dos 20 principais países de destino para migrantes pode ser encontrada no painel esquerdo da Figura 2.

⁹ Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 2021a.

Com quase 18 milhões de pessoas vivendo no exterior, a Índia tem a maior população de emigrantes do mundo, tornando-se o principal país de origem global. O México é o segundo país de origem mais significativo, com cerca de 11 milhões. A Federação Russa é o terceiro maior país de origem, seguido de perto pela China (cerca de 10,8 milhões e 10 milhões, respectivamente). O quinto país de origem mais significativo é a República Árabe da Síria, com mais de 8 milhões de pessoas vivendo no exterior, principalmente como refugiados devido ao deslocamento em grande escala na última década (ver discussão na seção de refugiados abaixo). O painel à direita na Figura 2 apresenta as 20 principais origens de migrantes em 2020.

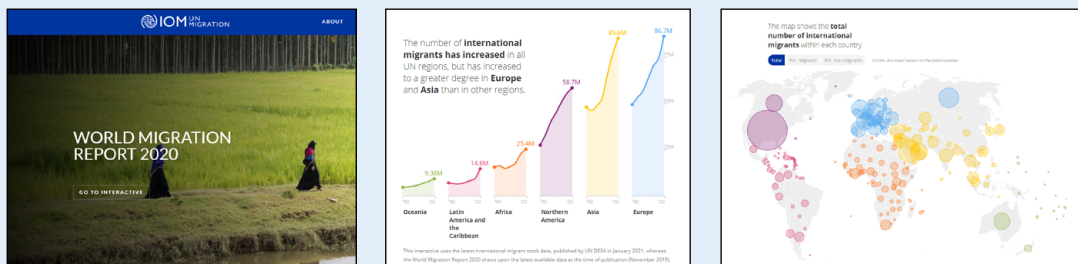
Figura 2. Os 20 principais destinos (esq.) e origens (dir.) dos migrantes internacionais em 2020



Fonte: Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 2021a.

Plataforma de visualização de dados do *Relatório Mundial sobre Migração*

Em maio de 2021, a OIM lançou um novo portal web do Relatório Mundial sobre Migração que integra narrativas de migração baseadas em fatos com visualizações interativas de dados sobre os dados e tendências de migração global mais atualizados.^a



Esse formato digital oferece uma representação intuitiva dos dados exibindo visualizações interativas das tendências globais de migração. Com base na análise desenvolvida no relatório, o site fornece estatísticas e mapas de migração em nível de país, visualizações interativas de corredores de migração e as principais nações receptoras e de origem de remessas desde 1995, além de dados globais e regionais. Novos componentes interativos sobre as restrições impostas pela covid-19 foram adicionados a este relatório atual.

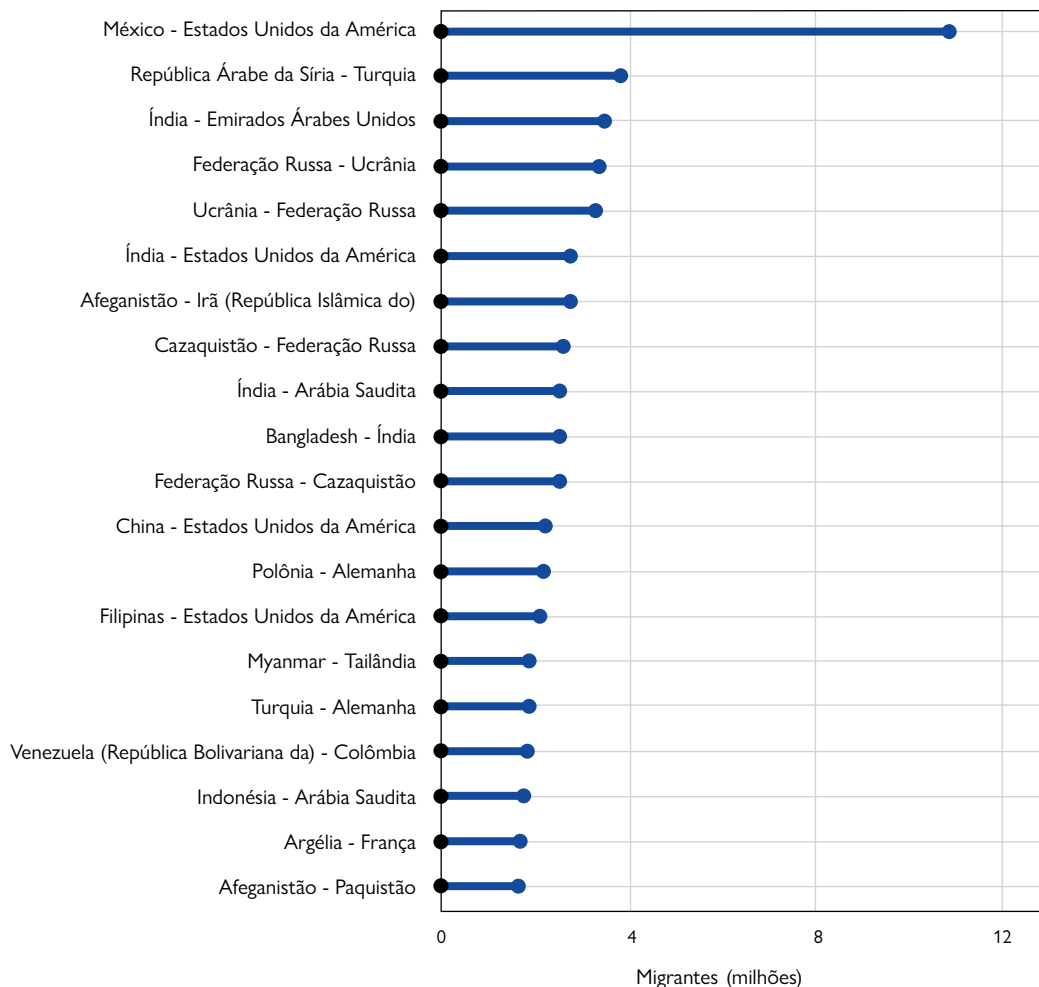
Ao criar um contexto visual para as informações, a visualização dos dados favorece uma compreensão mais acessível das magnitudes dos números e das tendências em jogo, complementando a extensa análise apresentada no relatório. A plataforma interativa está disponível em inglês, francês e espanhol.

a OIM, 2020a.

Os dados de migrantes internacionais disponíveis incluem estimativas de ligações de origem e destino entre dois países, permitindo a estimativa de “corredores” de migração bilateral globalmente. O tamanho de um corredor de migração do país A para o país B é medido como o número de pessoas nascidas no país A que residiam no país B em 2020. Os corredores de migração representam um acúmulo de movimentos migratórios ao longo do tempo e oferecem um apanhado de como os padrões de migração evoluíram para populações nascidas no exterior em países de destino específicos.

Como pode ser visto na Figura 3, o corredor México-Estados Unidos é o maior do mundo, com quase 11 milhões de pessoas. O segundo é da República Árabe da Síria para a Turquia, compreendendo principalmente refugiados deslocados pela guerra civil que dura uma década no primeiro país. Por outro lado, o terceiro maior corredor do mundo, da Índia para os Emirados Árabes Unidos (mais de 3 milhões), compreende principalmente trabalhadores migrantes. O corredor bilateral entre a Federação Russa e a Ucrânia ocupa as posições quatro e cinco entre os maiores corredores do mundo. Cerca de 3 milhões de pessoas nascidas na Federação Russa agora vivem na Ucrânia, enquanto quase o mesmo número de pessoas se mudou da Ucrânia para a Federação Russa.

Figura 3. Os 20 principais corredores de migração internacional de país para país, 2020



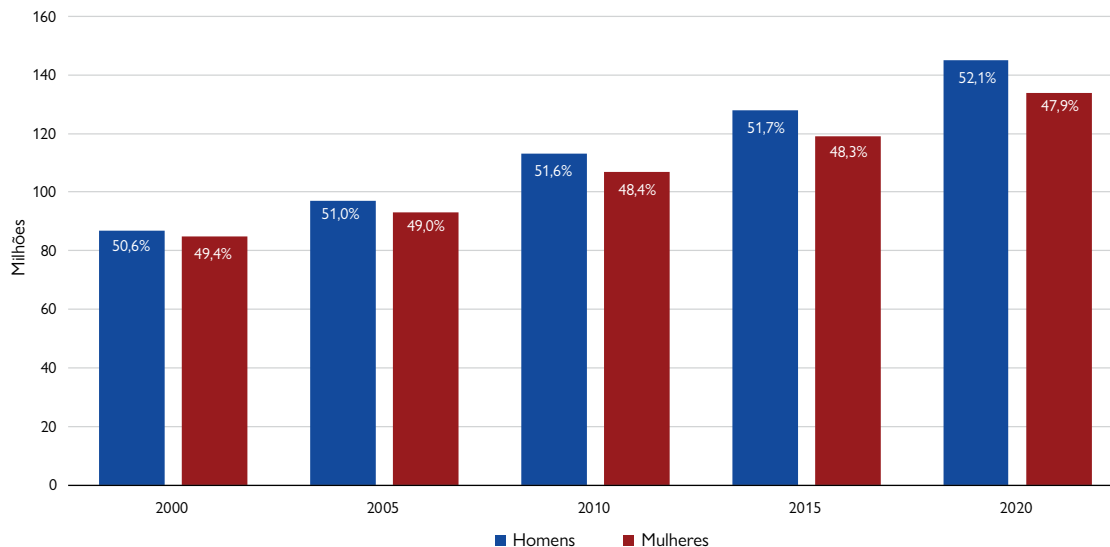
Fonte: Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 2021a.

Observação: Os corredores apresentam o número de migrantes internacionais (milhões) nascidos no primeiro país mencionado e residentes no segundo. Os corredores representam um acúmulo de movimentos migratórios ao longo do tempo e oferecem um apanhado de como os padrões de migração evoluíram para populações nascidas no exterior em países de destino específicos.

A maioria dos migrantes internacionais (cerca de 78%) estava em idade ativa (entre 15 e 64 anos). Desde 1990, a proporção de migrantes internacionais com 19 anos ou menos caiu de 18,9% para 14,6%, enquanto os migrantes internacionais com mais de 64 anos permaneceram estáveis em torno de 12,2%.

Atualmente, há um número maior de migrantes internacionais masculinos do que femininos no mundo todo e a diferença aumentou nos últimos 20 anos. Em 2000, a divisão entre homens e mulheres era de 50,6% a 49,4% (ou 88 milhões de migrantes do sexo masculino e 86 milhões de migrantes do sexo feminino). Em 2020, a divisão é de 51,9% a 48,0%, com 146 milhões de migrantes do sexo masculino e 135 milhões de migrantes do sexo feminino. A proporção de migrantes do sexo feminino vem diminuindo desde 2000, enquanto a proporção de migrantes do sexo masculino aumentou 1,4 pontos percentuais. Ver Figura 4 para mais detalhes segundo o sexo.

Figura 4. Migrantes internacionais, por sexo, 2000-2020



Fonte: Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 2021a.

Conflação de “migração” e “migrante”

De um modo geral, a **migração** é o processo de mudança de um lugar para outro. Migrar é mudar, seja de uma área rural para uma cidade, de um distrito ou província de um determinado país para outro no mesmo país ou de um país para um novo país. Envolve ação.

Por outro lado, **migrante** é uma pessoa descrita como tal por um ou mais motivos, dependendo do contexto (consultar caixa de texto em “Definição de migração, migrante e outros termos-chaves” acima). Embora em muitos casos os “migrantes” realizem alguma forma de migração, nem sempre é esse o caso.

Em algumas situações, pessoas que nunca realizaram a migração podem ser chamadas de migrantes — filhos de pessoas nascidas no exterior; por exemplo, são comumente chamados migrantes de segunda ou terceira geração.^a Isso pode até se estender a situações que envolvem apátridas, em que grupos inteiros de pessoas não conseguem acessar a cidadania apesar de ter nascido e sido criadas em um país. Essas pessoas podem até ser chamadas de migrantes irregulares pelas autoridades.^b

a Ver, por exemplo, Neto, 1995; Fertig e Schmidt, 2001.

b Kyaw, 2017.

Fluxos migratórios internacionais

Embora os dados sobre as populações de migrantes estejam amplamente disponíveis, os dados sobre movimentos (fluxos) globais de migração são muito mais limitados. As estimativas disponíveis do DESA sobre as populações globais de migrantes são extensas e têm escopo global; no entanto, o banco de dados dos fluxos de migração abrange apenas 45 países.¹⁰ A captura de dados sobre os fluxos de migração é extremamente desafiadora por vários motivos. Primeiro, embora os fluxos de migração internacional sejam geralmente aceitos como cobertura de entradas e saídas para e de países, houve um foco maior no registro de entradas. Por exemplo, enquanto países como a Austrália e os Estados Unidos registram movimentos transfronteiriços, muitos outros contam apenas entradas e não saídas.¹¹ Além disso, em alguns países, os dados do fluxo de migração são derivados de eventos administrativos relacionados ao status da imigração (p. ex.: emissão/renovação/cancelamento de uma autorização de residência) e, portanto, são usadas como variável para os fluxos migratórios. Além disso, os movimentos migratórios costumam ser difíceis de separar das viagens não migratórias, como turismo ou negócios.¹² O rastreamento de movimentos migratórios também requer recursos consideráveis, infraestrutura e sistemas de TI/conhecimento. Isso impõe desafios particulares para os países em desenvolvimento, onde a capacidade de coletar, administrar, analisar e relatar dados sobre mobilidade, migração e outras áreas é muitas vezes limitada. Por fim, as geografias físicas de muitos países apresentam enormes desafios para a coleta de dados sobre os fluxos de migração. O gerenciamento de entradas e fronteiras, por exemplo, é particularmente desafiador em algumas regiões, devido às fronteiras arquipelágicas e isoladas, e é ainda mais complicado pelas tradições da migração informal para o trabalho.¹³

Atualmente, existem dois conjuntos de dados internacionais principais sobre fluxos de migração internacional, ambos derivados de estatísticas nacionais: Conjunto de dados de fluxos de migração internacional do DESA e banco de dados de migração internacional da OCDE. Desde 2005, o DESA compila dados sobre os fluxos de migrantes internacionais de e para países selecionados, com base em estatísticas disponíveis no nível nacional. No momento da redação deste relatório (julho de 2021), não havia nenhuma atualização no conjunto de dados de fluxos do DESA, sendo a mais atual a versão de 2015. O conjunto de dados de fluxos migratórios de 2015 inclui dados de 45 países, contra 29 países em 2008 e 15 países em 2005.¹⁴

A OCDE vem coletando dados de fluxo de migração internacional desde 2000, permitindo a análise de tendências em um subconjunto dos principais países de destino, descritos na Figura 5 (embora os dados não sejam padronizados, conforme explicado na nota abaixo da figura). Os últimos dados disponíveis indicam que, em 2018, foi registrado um aumento de 10% nos fluxos migratórios permanentes em relação ao ano anterior de 2017. Os Estados Unidos, um dos principais países de destino, registram cerca de 1,1 milhão de novas entradas em 2018, um decréscimo de 2,7 % face ao ano anterior. Outro país que registrou uma mudança notável foi o Chile, com 64% de crescimento. No que diz respeito aos países europeus da OCDE, a migração total aumentou cerca de 136 mil em 2018 (3,2% a mais que em 2017). Na Europa, o Reino Unido e a Itália registraram quedas de 6,5% e 5,2% nos fluxos permanentes, respectivamente. O crescimento na Europa foi liderado por Espanha (+23% ou um aumento de cerca de 106 mil) e Portugal (+52% ou um aumento de cerca de 32 mil).

10 Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 2015.

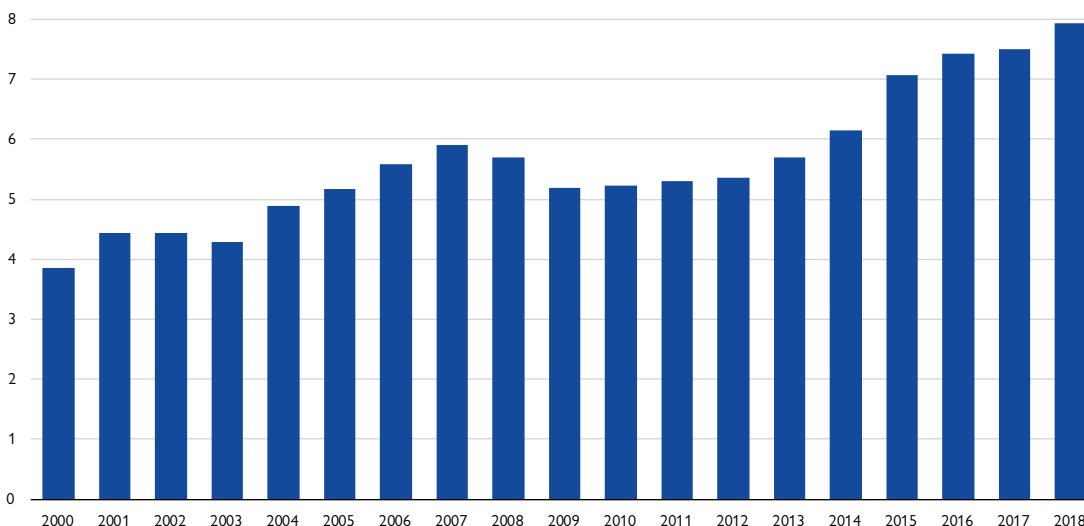
11 Koser, 2010; McAuliffe e Koser, 2017.

12 Skeldon, 2018.

13 Gallagher e McAuliffe, 2016.

14 Para dados de fluxo de migrantes do Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), assim como para os países específicos incluídos, consultar DESA, 2015.

Figura 5. Fluxos de cidadãos estrangeiros em países da OCDE, migração permanente, 2000-2018 (em milhões)



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), n.d.a.

Observação: Os dados não são padronizados e, portanto, diferem das estatísticas sobre entradas permanentes de migração em países selecionados contidos na série de Perspectivas da Migração Internacional da OCDE. Os 35 países normalmente incluídos nas estatísticas da OCDE são os seguintes: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Islândia, Israel, Itália, Japão, Letônia, Luxemburgo, México, Noruega, Nova Zelândia, Países Baixos, Polônia, Portugal, Reino Unido, República da Coreia, República Tcheca, Suécia, Suíça e Turquia. Em alguns anos, os dados para países específicos não estão disponíveis: os dados foram disponibilizados para 31 países em 2000. Notavelmente, os dados para a Grécia não foram relatados entre 2000 e 2004, e os dados para a Turquia foram relatados apenas para 2010, 2016, 2017 e 2018.

Os impactos da covid-19 na mobilidade global são discutidos abaixo neste capítulo e também no Capítulo 5 deste relatório.

Fluxos de migração inseguros

Alguns corredores de migração apresentam muito mais desafios do que outros, tanto para os migrantes como para as autoridades. As jornadas dos migrantes às vezes podem ser caracterizadas por resultados inseguros e até mortais, muitas vezes relacionados a uma série de fatores sociais, políticos, econômicos, ambientais e políticos que podem afetar profundamente a maneira como as pessoas realizam a migração.¹⁵ Na esteira dos trágicos eventos de outubro de 2013, em que mais de 360 pessoas morreram no naufrágio de dois barcos perto da ilha italiana de Lampedusa, a OIM começou a coletar e compilar informações sobre migrantes que perecem ou desaparecem em rotas migratórias no mundo todo como parte do seu projeto Migrantes Desaparecidos.¹⁶ As fontes de dados incluem registros oficiais de guardas costeiras e médicos legistas, reportagens dos meios de comunicação, relatórios de organizações não governamentais e agências das Nações Unidas e entrevistas com migrantes.¹⁷

Ao longo de seis anos de coleta de dados, o ano de 2020 registrou o menor total (cerca de 3,9 mil), em comparação com os quase 5,4 mil anteriores registrados em 2019 (ver Figura 6). A diminuição das mortes entre 2019 e 2020

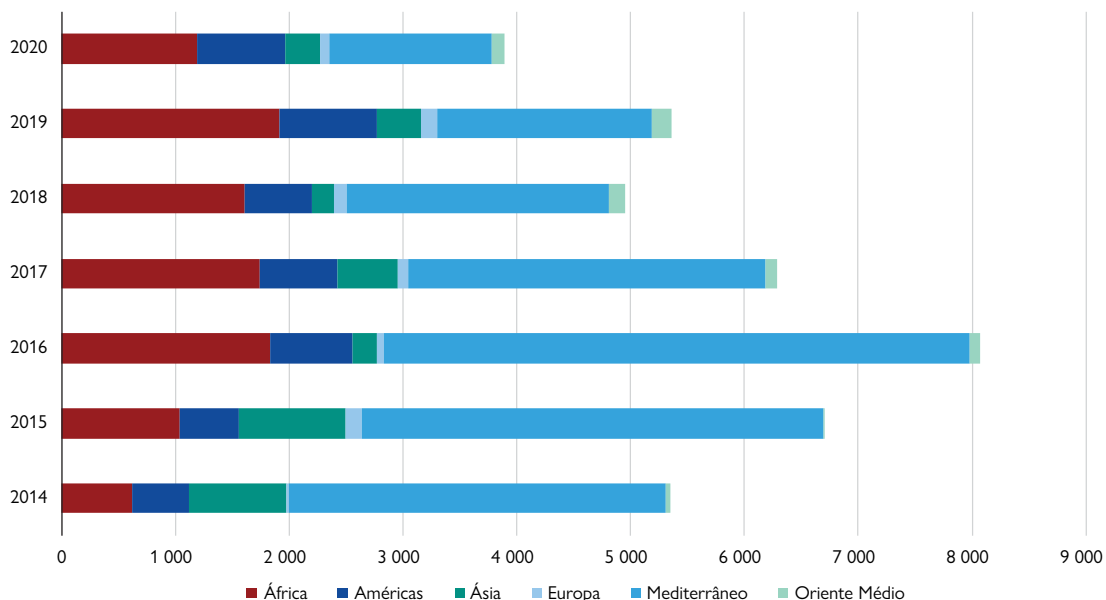
¹⁵ McAuliffe et al., 2017.

¹⁶ Consultar <https://missingmigrants.iom.int/>.

¹⁷ Organização Internacional para as Migrações (OIM), n.d.

reflete, em parte, as restrições de mobilidade impostas por causa da pandemia de covid-19. É provável que 2021 também registre um número reduzido de mortes em geral, já que as restrições de viagem continuam globalmente. No total, entre 2014 e 2020, o Mar Mediterrâneo registrou o maior número de mortes, ceifando a vida de mais de 21,2 mil pessoas. Em 2020, o Mediterrâneo continuou sendo o local com o maior número conhecido de mortes durante a migração, registrando mais de 1.460 vítimas mortais. Seguindo a tendência observada nos seis anos anteriores, houve uma maior proporção de mortes na “rota do Mediterrâneo Central”.¹⁸

Figura 6. Mortes de migrantes por região, 2014-2020



Fonte: Organização Internacional para as Migrações (OIM), n.d. (acesso em 20 de setembro de 2021).

Observação: Os dados incluem mortes registradas, assim como as pessoas dadas como desaparecidas. Consultar página do projeto Migrantes Desaparecidos para obter detalhes sobre a metodologia e as regiões geográficas (<https://missingmigrants.iom.int/>).

O projeto Migrantes Desaparecidos enfrenta desafios notáveis na coleta de dados. Por exemplo, a maioria das mortes registradas é de pessoas que viajam por rotas clandestinas, que, em geral, estão no mar ou em áreas remotas (para evadir a detecção), o que significa que quase sempre continuam desaparecidas. Poucas fontes oficiais coletam e disponibilizam publicamente dados sobre mortes de migrantes. Contar com testemunhos de colegas migrantes e fontes de meios de comunicação pode ser problemático devido a imprecisões e cobertura incompleta. No entanto, o projeto lança luz sobre um tema anteriormente pouco pesquisado e negligenciado, destacando a necessidade de abordar esta questão trágica em curso, inclusive no contexto da implementação do Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular.

18 Ibid.

Impactos da covid-19 na mobilidade

A covid-19 foi a pandemia mais grave em um século, com uma combinação de alta transmissão, cepas de vírus e gravidade da doença, forçando as pessoas responsáveis por formular políticas a entrarem em territórios anteriormente desconhecidos. Embora o foco principal tenha sido necessariamente responder à crise global da saúde (p. ex.: testes de vírus, tratamento de doenças e desenvolvimento e programação de vacinação), parte da resposta envolveu mudanças drásticas na liberdade de circulação de pessoas no mundo todo, que por sua vez tem impactado massivamente a mobilidade humana a nível global. A imobilidade relacionada à covid-19 tornou-se o “grande disruptor” da migração.¹⁹

Governos do mundo todo implementaram várias medidas para limitar a propagação do vírus e uma série de restrições foi introduzida a partir do início de 2020, evoluindo ao longo do tempo. Novos conjuntos de dados surgiram para rastrear respostas políticas globalmente, como o Rastreador de Respostas Governamentais à covid-19 da Universidade de Oxford,²⁰ que registrou uma ampla gama de respostas governamentais no mundo todo, como medidas de “ficar em casa”, fechamento de locais de trabalho, escolas fechamentos, restrições a reuniões, restrições a movimentos internos dentro de um país e medidas de controle de viagens internacionais. Além disso, a OIM começou a acompanhar as restrições de viagens globalmente no início da pandemia, com base em uma série de dados e resultados de relatórios por meio de seu painel Impactos de mobilidade da covid-19.²¹ Ver dados, pesquisas e análises adicionais no capítulo temático 5 sobre impactos da covid-19 neste relatório.

Alguns países, como El Salvador, Israel, Nova Zelândia, Nigéria, Catar e Singapura, impuseram rapidamente restrições significativas de viagens internacionais (no início de março de 2020), enquanto outros agiram semanas ou meses depois.²² Alguns países impediram a entrada de cidadãos estrangeiros, alguns baniram cidadãos de países específicos, enquanto alguns países fecharam completamente as fronteiras para impedir a entrada e a saída de todas as pessoas, incluindo os seus próprios cidadãos.²³ Medidas de quarentena também foram introduzidas por alguns países, exigindo que os passageiros que entram em um país fiquem em quarentena em isolamento por um período mínimo (geralmente 10 a 14 dias) imediatamente após a chegada.

No geral, as medidas de restrição de viagens da covid-19 – internas e internacionais – foram implementadas rapidamente pela grande maioria dos países ao redor do mundo, com o pico ocorrendo no final de março até o início de abril de 2020 (ver a Figura 7). Embora as restrições de viagens internacionais tenham sido mais prováveis de terem sido decretadas no início da pandemia, houve uma maior variedade de medidas de controle durante as semanas iniciais (incluindo triagem precoce), provavelmente devido à necessidade de os governos avaliarem a gravidade da crise durante um período de extraordinária incerteza. À medida que a gravidade da covid-19 ficou clara, o número de restrições de viagens internacionais e internas aumentou drasticamente.

19 McAuliffe, 2020.

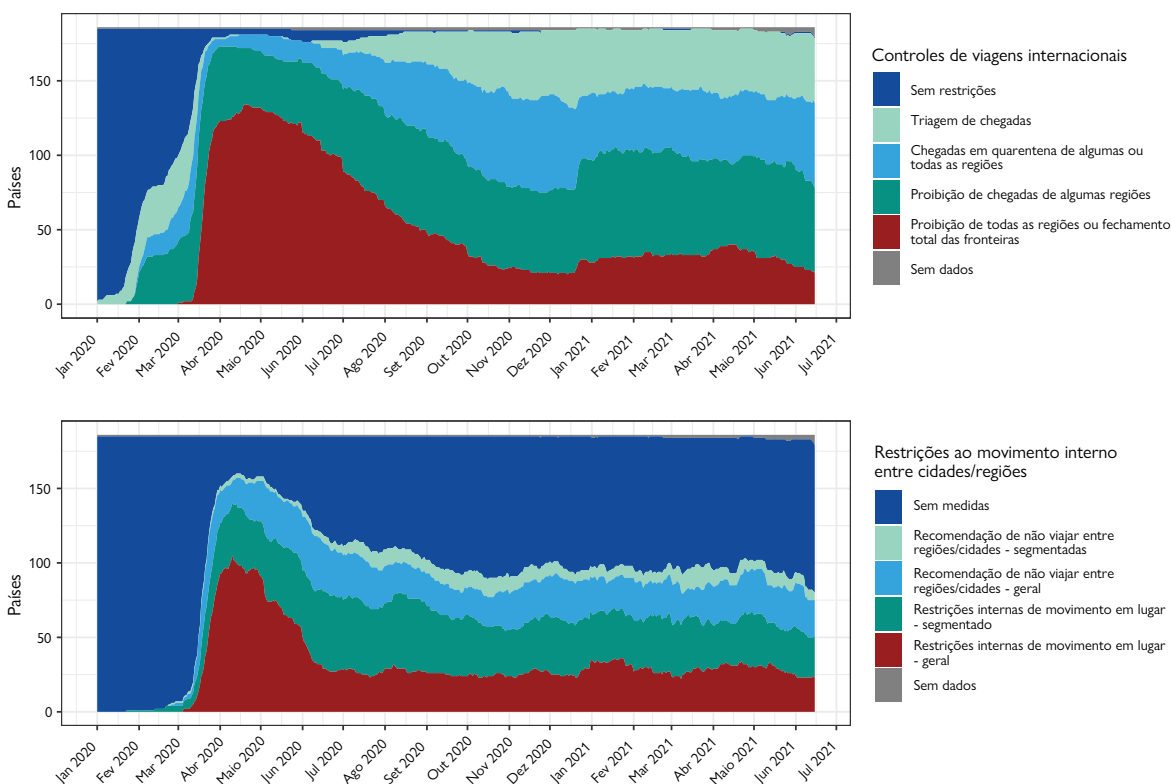
20 Hale et al., 2021.

21 Ver <https://migration.iom.int/>.

22 Hale et al., 2021.

23 Organização Internacional para as Migrações (OIM), 2020b; Al Jazeera, 2020.

Figura 7. Controles de viagem relacionados à covid-19: internacionais e internos, janeiro de 2020 a junho de 2021, todos os países



Fonte: Hale et al., 2021.

Observação: As categorias utilizadas são as do Oxford Government Response Tracker; as categorias incluídas no conjunto de dados são apenas para restrições relacionadas à covid-19 e não refletem outras restrições de viagem que também possam estar em vigor, como as relacionadas a restrições de visto, proibições de entrada com base na cidadania, restrições de partida/saída e movimento interno restrições.

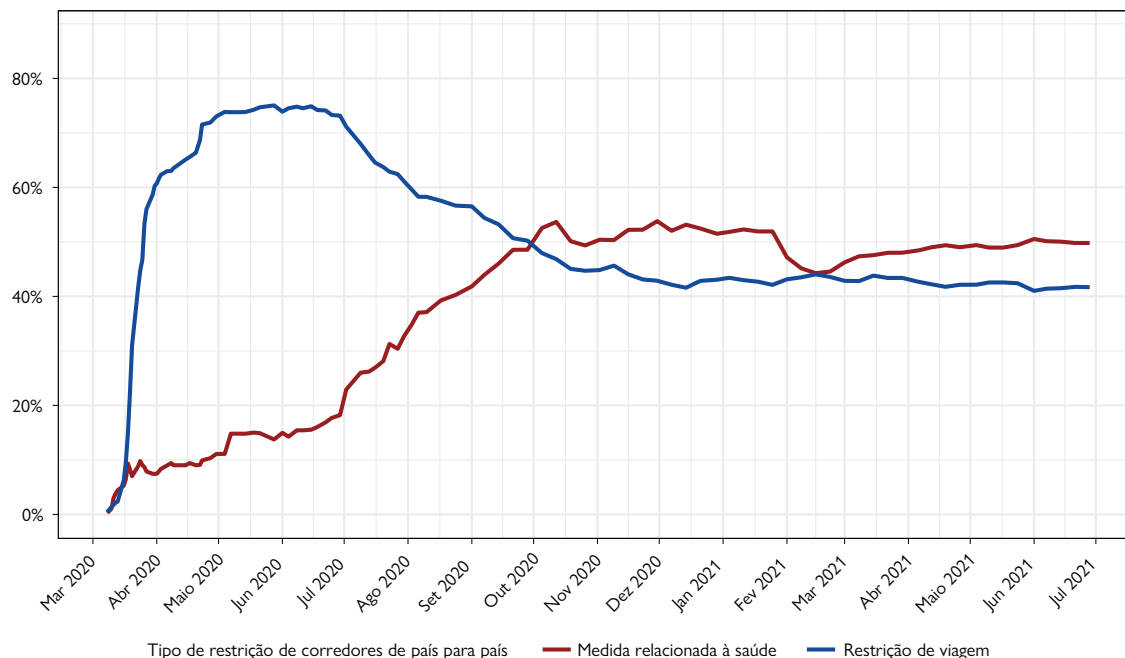
As diferenças na evolução das restrições podem ser vistas na Figura 7, que mostra que as restrições de viagens internacionais relacionadas à covid-19 de algum tipo permaneceram em vigor em todos os países globalmente um ano após a declaração da pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 10 de março de 2020.²⁴ Por outro lado, as restrições internas diminuíram ao longo do tempo. Dito isto, existem três pontos-chaves a destacar a partir desses dados:

- Embora existam restrições de viagens internacionais de algum tipo em todos os países, há uma mistura de triagem, quarentena e proibições (total/específicas);
- Mais da metade de todos os países tinham proibições de viagem (totais ou específicas) um ano após o início da pandemia; e
- Mais de um terço de todos os países tinham restrições internas de viagem um ano após o início da pandemia.

24 Organização Mundial da Saúde (OMS), 2020.

Quando as restrições internacionais de viagens relacionadas à covid-19 são examinadas ao longo do tempo, podemos ver que as restrições de viagens/fronteiras e as medidas relacionadas à saúde mudaram à medida que a tecnologia e a capacidade logística de apoio às medidas relacionadas à saúde foram desenvolvidas e implementadas. Testes pré-viagem, quarentena e entrada certificada de vacinação sendo lançadas por diferentes países viram as restrições de viagem serem superadas por medidas relacionadas à saúde em outubro de 2020.

Figura 8. Medidas de viagens internacionais relacionadas à covid-19: março de 2020 a junho de 2021, todos os países

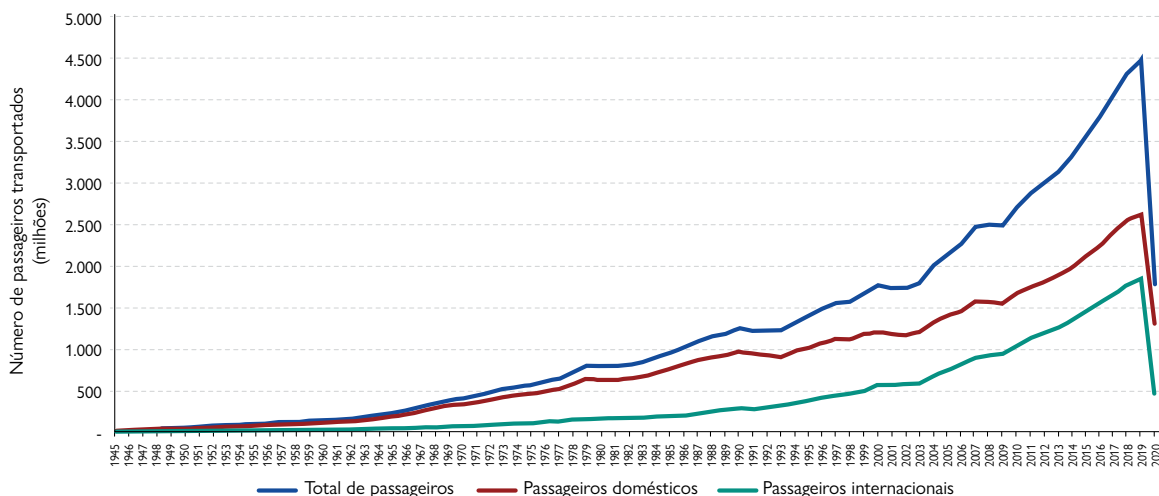


Fonte: Organização Internacional para as Migrações (OIM), 2021a.

Observação: Apenas países (não territórios) estão incluídos nesta análise. As medidas relacionadas à saúde incluem triagem e monitoramento de saúde, testes/certificados médicos e medidas de quarentena. As restrições de viagem incluem restrições de passageiros com base na nacionalidade ou chegada de uma localização geográfica. Consultar a página de restrições de mobilidade do DTM para obter mais informações sobre a metodologia.

O impacto das restrições de viagem relacionadas à covid-19 fica muito claro quando os dados dos passageiros aéreos são examinados. Podemos ver pelos números de passageiros aéreos de longo prazo que as restrições de viagem da covid-19 tiveram um grande impacto nas viagens aéreas internacionais e domésticas em 2020. O total de passageiros aéreos transportados caiu 60%, de cerca de 4,5 bilhões em 2019 para 1,8 bilhão em 2020 (Figura 9).

Figura 9. Passageiros aéreos transportados no mundo todo, 1945-2020



Fonte: Organização da Aviação Civil Internacional (OACI), 2021.

No geral, podemos ver que a covid-19 teve um grande impacto nas viagens e, portanto, na migração, tendo as restrições permanecido por mais tempo do que muitos esperavam, causadas em parte pelos desafios impostos por cepas de vírus emergentes e “ondas” contínuas de infecções. Os impactos de longo prazo ainda não foram totalmente compreendidos, mas a análise descrita no Capítulo 5 aponta para a transformação da migração e da mobilidade em várias áreas-chaves.

Covid-19 e migrantes retidos

As restrições de mobilidade impostas durante a covid-19 resultaram em grandes problemas para alguns migrantes e exacerbaram as vulnerabilidades existentes. O fechamento das fronteiras reteve milhares de migrantes, incluindo trabalhadores sazonais, titulares de residência temporária, estudantes internacionais, migrantes que viajam para tratamento médico, beneficiários de retorno voluntário assistido e reintegração, marítimos e outros.

Em meados de 2020, as restrições relacionadas à pandemia deixaram quase 3 milhões de pessoas fora dos seus países de origem, a maioria das quais viajantes frequentes, como trabalhadores migrantes, estudantes e turistas. Muitos desses viajantes ficaram sem serviços consulares, incluindo ajuda com relação à sua situação legal no país e alguns ficaram sem dinheiro suficiente para prover comida e abrigo. A maioria estava no Oriente Médio e Norte da África (cerca de 1,3 milhão), seguido pela Ásia e Pacífico (cerca de 977 mil).

As questões específicas enfrentadas por esses migrantes diferiam substancialmente, assim como as suas situações, mas, em geral, os desafios se enquadravam em duas categorias. Primeiro foram as questões relacionadas ao movimento. Estas relacionavam-se com a imobilidade resultante das restrições de emergência ao transporte e aos trânsitos. Outros desafios significativos foram os custos e a logística envolvidos no retorno para casa. Além disso, a falta de colaboração entre os países de origem, destino e trânsito exacerbou ainda mais os problemas de movimento.

Em segundo lugar estavam as vulnerabilidades relacionadas com a situação migratória dos migrantes. A situação pode excluir a possibilidade de apoio do governo, que expôs as pessoas ou as colocou em risco de pobreza extrema. Outras vulnerabilidades incluem xenofobia e estigmatização, abandono de pessoas no mar e aumento dos riscos de saúde para quem vive em abrigos superlotados e/ou quem não têm acesso aos programas de vacinação contra a covid-19.

Fontes: Organização Internacional para as Migrações (IOM), 2020c; Benton et al., 2021.

Trabalhadores migrantes

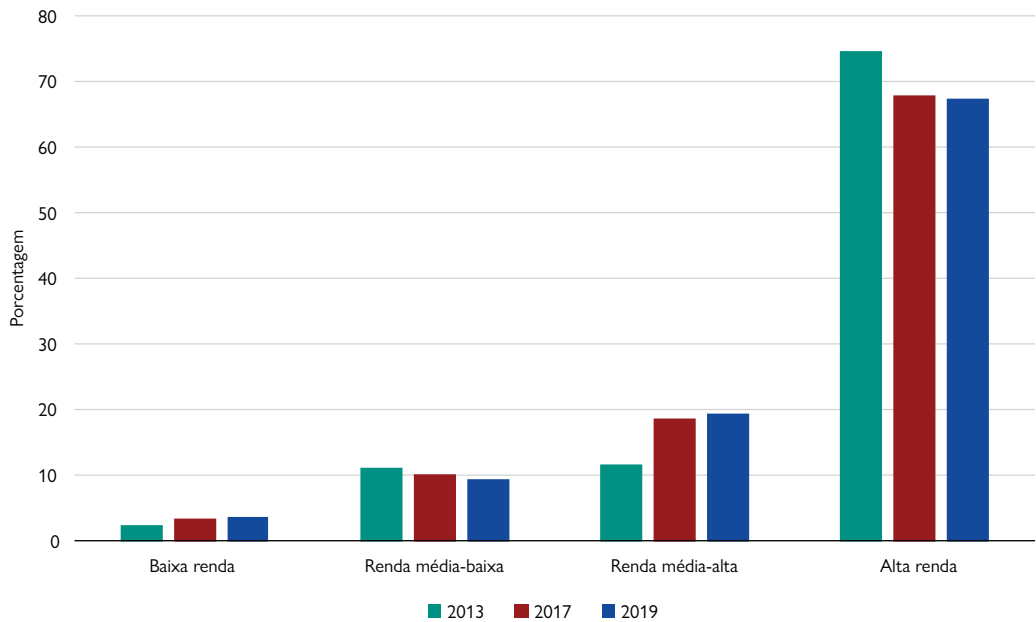
As últimas estimativas disponíveis indicam que havia cerca de 169 milhões de trabalhadores migrantes no mundo todo em 2019, representando quase dois terços (62%) do (então) 272 milhões de migrantes internacionais.²⁵ Vale a pena notar que essas estimativas são anteriores à covid-19, que afetou a migração laboral internacional de várias maneiras, embora iniquem uma referência contra a qual os impactos do covid-19 podem ser avaliados no futuro.²⁶ Quando comparado com a população global de migrantes internacionais em idade ativa – que considera pessoas com 15 anos de idade ou mais (245,6 milhões) – os trabalhadores migrantes representam 68,8%.

Em 2019, 67% dos trabalhadores migrantes residiam em países de alta renda — cerca de 113,9 milhões de pessoas. Outros 49 milhões de trabalhadores migrantes (29%) moravam em países de renda média e 6,1 milhões (3,6%) estavam em países de baixa renda. Embora não possamos comparar o número de trabalhadores migrantes ao longo do tempo, é útil examinar as mudanças na distribuição proporcional. A concentração de trabalhadores migrantes internacionais em países de renda média alta e alta permaneceu estável em 86,4% em 2013, 86,5% em 2017 e 86,9% em 2019. No entanto, houve uma mudança notável nessas duas categorias ao longo do tempo; ou seja, de 2013 a 2019, os países de alta renda tiveram uma queda de 7,3 pontos percentuais nos trabalhadores migrantes (de 74,7% para 67,4%), enquanto os países de renda média alta observaram um aumento de 7,8 pontos percentuais (de 11,7% para 19,5%) (ver Figura 10). Essa aparente mudança pode ser influenciada pelo crescimento econômico nos países de renda média e/ou alterações nos regulamentos de imigração laboral nos países de alta renda. A proporção de trabalhadores migrantes na força de trabalho total em todos os grupos de renda do país foi bastante pequena nos países de renda baixa (2,3%) e média-baixa e alta (1,4% e 2,2%, respectivamente), mas muito maior para os de renda alta países (18,2%).

25 O conteúdo desta subseção se baseia e foi extraído da Organização Internacional do Trabalho (OIT), 2021. Consulte este documento para obter notas explicativas, análises mais aprofundadas, limitações e advertências associadas aos números e tendências apresentados. De um modo mais geral, as informações sobre emprego estrangeiro nos países da OCDE estão disponíveis em OCDE, n.d.b.

26 Ver, por exemplo, Organização Internacional do Trabalho (OIT), 2021.

Figura 10. Trabalhadores migrantes segundo o nível de renda do país de destino, 2013, 2017 e 2019



Fonte: Organização Internacional do Trabalho (OIT), 2018; OIT, 2021.

Os trabalhadores migrantes do sexo masculino superaram os trabalhadores migrantes do sexo feminino em 28,8 milhões em 2019, com 98,9 milhões de homens (58,5%) e 70,1 milhões de mulheres (41,5%), em um contexto em que os homens compreendem um número maior de migrantes internacionais em idade ativa (128 milhões ou 52,1%, comparados com 117,6 milhões ou 47,9% de mulheres). Isso representa uma mudança de conexão desde 2013, no sentido de uma população de trabalhadores migrantes ainda mais generosa, quando uma parcela de trabalhadores migrantes de sexo masculino constituído 55,7% e 44,3% feminino. Ver Tabela 2 para mais detalhes segundo nível de renda e sexo.

Tabela 2. Trabalhadores migrantes segundo o sexo e o nível de renda do país de destino, 2019

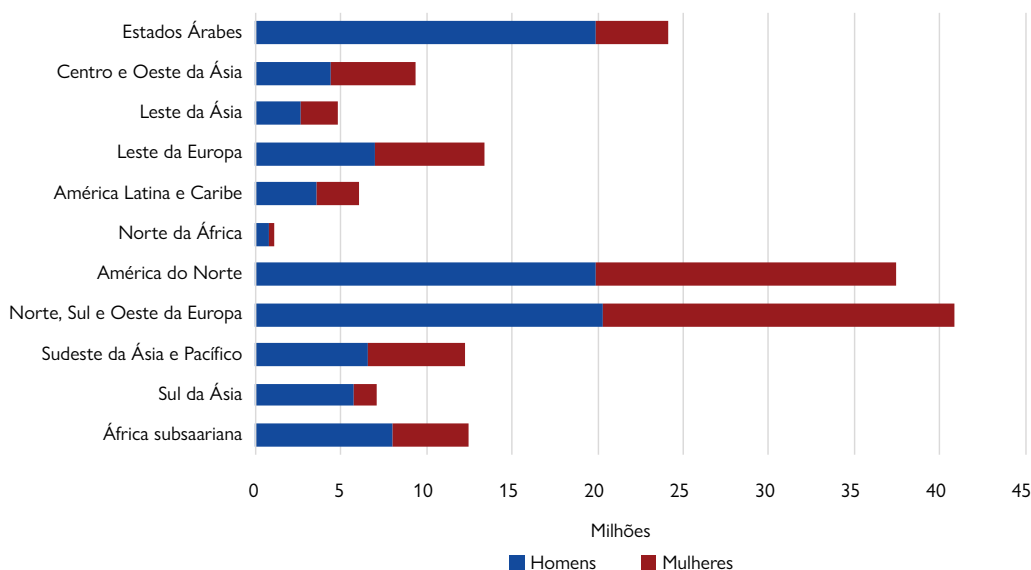
	Trabalhadores migrantes (milhões)			Proporção de todos os trabalhadores migrantes (%)		
	M	F	Total	M	F	Total
Baixa renda	3,7	2,4	6,1	2,2	1,4	3,6
Renda média-baixa	10,5	5,6	16,0	6,2	3,3	9,5
Renda média-alta	19,5	13,5	33,0	11,5	8,0	19,5
Alta renda	65,3	48,5	113,9	38,6	28,7	67,4
Total global	98,9	70,1	169,0	58,5	41,5	100,0

Fonte: Organização Internacional do Trabalho (OIT), 2021.

Como é evidente a partir dos dados, a população internacional de trabalhadores migrantes é atualmente de gênero e também geograficamente concentrada. Existe um número muito maior de trabalhadores migrantes do que mulheres no mundo (ver Tabela 2), com uma composição de gênero que vê um número muito maior de homens em países de baixa e média renda em comparação com as mulheres e em contraste com divisões por sexo para países de alta renda.

Em termos geográficos, e como visto na Figura 11 abaixo, 102,4 milhões ou quase 61% de todos os trabalhadores migrantes residiam em três sub-regiões: América do Norte; Estados Árabes; e Norte, Sul e Europa Ocidental.²⁷ Notavelmente, há um importante desequilíbrio de gênero dos trabalhadores migrantes em duas regiões: Sul da Ásia (5,7 milhões de homens em comparação com 1,4 milhão de mulheres) e Estados Árabes (19,9 milhões de homens em comparação com 4,2 milhões de mulheres). A região dos Estados Árabes é um dos principais destinos dos trabalhadores migrantes, onde representam 41,4% de toda a população trabalhadora, muitas vezes dominando setores-chaves.

Figura 11. Distribuição geográfica dos trabalhadores migrantes segundo o sexo (em milhões), 2019



Fonte: Organização Internacional do Trabalho (OIT), 2021.

Observação: A figura reflete as regiões e sub-regiões geográficas da OIT e não implica endosso ou aceitação oficial da OIM. Consulte o anexo A da OIT, 2021 para obter mais informações sobre desagregações regionais. Observe que o restante deste capítulo se refere às regiões geográficas do DESA.

27 A categoria da OIT de "Estados Árabes" inclui os seguintes países e territórios: Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, República Árabe da Síria e Territórios Palestinos.

Programas de Reintegração e Retorno Voluntário Assistido da OIM

A OIM implementa programas de retorno e reintegração voluntária assistida (AVRR) desde 1979. O apoio AVRR da OIM aos migrantes compreende uma série de atividades e normalmente inclui: a prestação de assessoria antes da partida, a compra de passagens aéreas, assistência administrativa e de viagem e, sempre que possível, a prestação de assistência de reintegração.

Em média, de 2005 a 2014, a OIM assistiu 34 mil migrantes por ano através do AVRR. Em linha com o aumento do volume de migração nos últimos anos, o número de retornos também aumentou (até o surgimento da covid-19). Em 2019, o apoio da AVRR foi proporcionado a 64.958 migrantes que retornaram de 136 países acolhedores ou de trânsito para 164 países ou territórios de origem. No entanto, isso diminuiu drasticamente em 2020 devido à covid-19. Ao longo de 2020, o apoio AVRR foi prestado a 42.181 migrantes (15.149 no primeiro trimestre, 2.588 no segundo trimestre, 10.521 no terceiro trimestre e 13.923 no quarto trimestre) que retornaram de 139 países ou territórios de acolhimento ou trânsito (88 no primeiro trimestre, 41 no segundo trimestre, 84 no terceiro trimestre e 122 no quarto trimestre) para 150 países ou territórios de origem (136 no primeiro trimestre, 70 no segundo trimestre, 110 no terceiro trimestre e 132 no quarto trimestre).

Fontes: Organização Internacional para as Migrações (OIM), 2020d; OIM, 2020e; OIM, 2020f.

Remessas internacionais

As remessas são transferências financeiras ou em espécie feitas pelos migrantes diretamente para famílias ou comunidades nos seus países de origem. O Banco Mundial compila dados globais sobre remessas internacionais, apesar das inúmeras lacunas de dados, diferenças de definição e desafios metodológicos na compilação de estatísticas precisas.²⁸ Os seus dados, no entanto, não capturam fluxos não registrados por meio de canais formais ou informais, e as magnitudes reais das remessas globais portanto, provavelmente serão maiores do que as estimativas disponíveis.²⁹ Essa questão veio à tona durante a pandemia, após um resultado muito mais positivo em 2020 para os fluxos de remessas internacionais, ao contrário das projeções iniciais terríveis; isso se deveu em parte a uma mudança de canais informais para canais formais em resposta às restrições de imobilidade da covid-19, entre outros motivos (ver caixa de texto abaixo).³⁰ Apesar desses problemas, os dados disponíveis refletem uma tendência crescente de longo prazo nas remessas internacionais nos últimos anos, passando de US\$ 128 bilhões em 2000 para US\$ 702 bilhões em 2020.

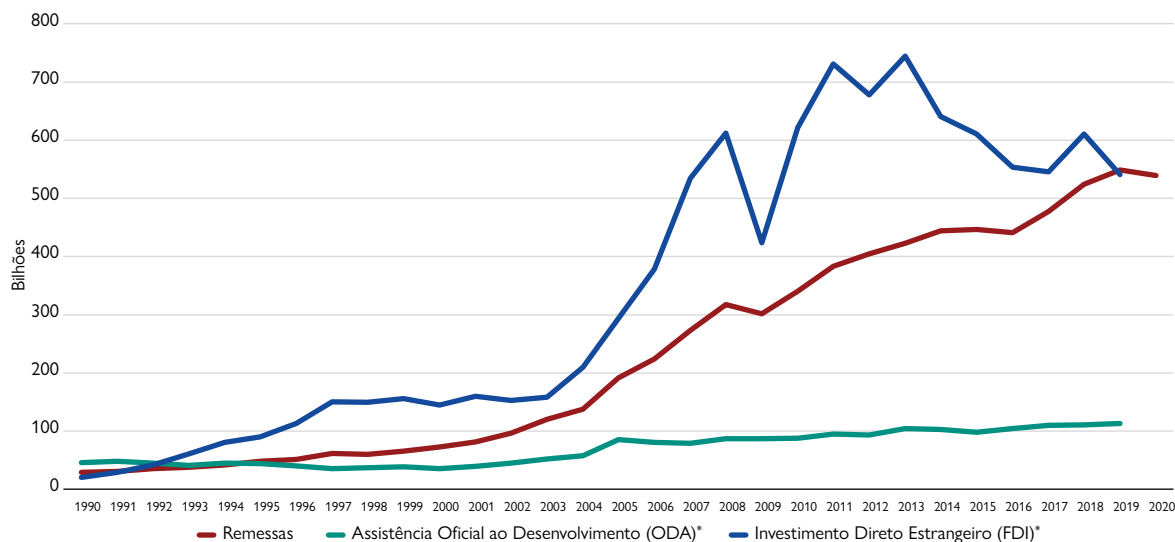
28 O conteúdo de grande parte desta subseção, salvo indicação contrária, é baseado e extraído dos dados do Banco Mundial em relação à migração e remessas (Banco Mundial, n.d.). Em particular, os conjuntos de dados de remessas anuais do Banco Mundial (ibid.), *Migration and Development Brief 34* (Ratha et al., 2021) e o seu comunicado de imprensa de 12 de maio (Banco Mundial, 2021a) são as principais fontes de informação. Consultar essas fontes, assim como os *Factbooks on Migration and Development* do Banco Mundial, incluindo o último, publicado em 2016, para notas explicativas, análises mais aprofundadas, ressalvas, limitações e metodologias associadas aos números e tendências apresentadas.

29 Banco Mundial, 2016.

30 Fundo Monetário Internacional (FMI), 2020; Organização Internacional para as Migrações (OIM), 2020g; OIM 2020h; OIM, 2020i; OIM, 2021b.

Apesar do declínio inicialmente projetado de 20% nas remessas internacionais globalmente para 2020 (feito em abril daquele ano),³¹ os dados anuais mostram que houve apenas uma ligeira queda nas remessas globalmente (redução de 2,4%) em 2020, totalizando US\$ 702 bilhões, abaixo dos US\$ 719 bilhões em 2019. No entanto, todos os três anos consecutivos anteriores a 2020 testemunharam um aumento: de 2016 a 2019, os fluxos globais (de entrada) de remessas aumentaram cerca de 7,2%, de US\$ 597 bilhões em 2016 para US\$ 640 bilhões em 2017, e em 8,4% e 3,6% de 2017 a 2018 (de US\$ 640 bilhões para US\$ 694 bilhões) e de 2018 a 2019 (de US\$ 694 bilhões para US\$ 719 bilhões), respectivamente. Consistente com essa tendência, as remessas para países de baixa e média renda (que representam a maior parte do total global) diminuíram em 2020 (de US\$ 548 bilhões em 2019 para US\$ 540 bilhões) após a tendência positiva de 2016 a 2018 (de US\$ 548 bilhões em 2019 para US\$ 540 bilhões). US\$ 441 bilhões em 2016 para US\$ 478 bilhões em 2017 e US\$ 524 bilhões em 2018). Desde meados da década de 1990, as remessas internacionais ultrapassaram em muito os níveis oficiais de assistência ao desenvolvimento definidos como ajuda governamental destinada a promover o desenvolvimento econômico e o bem-estar dos países em desenvolvimento (ver Figura 12 abaixo).³²

Figura 12. Fluxos de remessas internacionais para países de baixa e média renda (1990–2020)



Fonte: Banco Mundial, n.d. (acesso em junho de 2021).

Observação: Todos os números estão em bilhões de dólares atuais (nominais).

* N. de T.: ODA significa *Official Development Assistance* e FDI, *Foreign Direct Investment*.

Em 2020, Índia, China, México, Filipinas e Egito foram (em ordem decrescente) os cinco principais países destinatários de remessas, embora Índia e China estivessem muito acima do restante, com remessas internas totais superiores a 59 bilhões de dólares para cada país (consultar Tabela 3). Países do G7 Alemanha e França permaneceram entre os dez principais países receptores globalmente em 2020, assim como têm feito desde 2005 (ver Tabela 3). Deve-se notar, no entanto, que a maioria dos ingressos não são transferências domésticas, mas referem-se a salários de trabalhadores transfronteiriços que trabalham na Suíça enquanto residem na Alemanha ou na França.³³

31 Ratha et al., 2020a.

32 Ver, por exemplo, OCDE, n.d.c., que também contém dados sobre assistência oficial ao desenvolvimento. Há um corpo de trabalho cada vez maior que explora os impactos desenvolvimentais, econômicos e sociais dessa tendência.

33 Eurostat, 2020.

Tabela 3. Os 10 principais países de recebem/enviam remessas (2005-2020)
(em bilhões de dólares americanos)

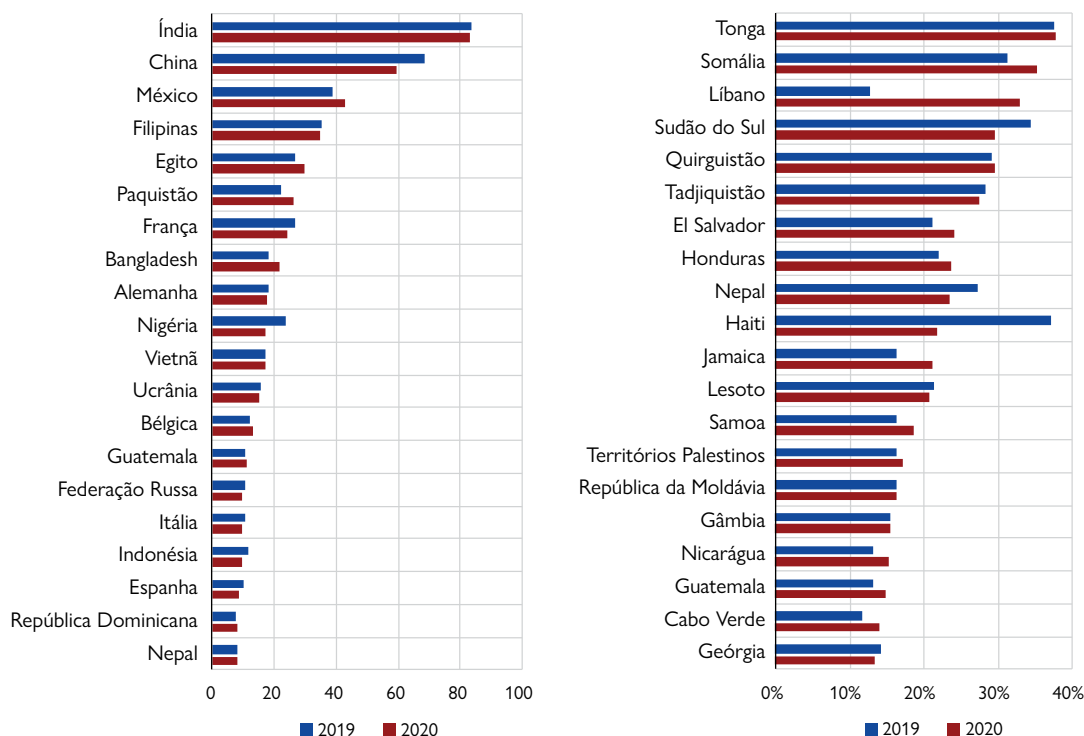
Principais países que recebem remessas							
2005		2010		2015		2020	
China	23,63	Índia	53,48	Índia	68,91	Índia	83,15
México	22,74	China	52,46	China	63,94	China	59,51
Índia	22,13	México	22,08	Filipinas	29,80	México	42,88
Nigéria	14,64	Filipinas	21,56	México	26,23	Filipinas	34,91
França	14,21	França	19,90	França	24,07	Egito	29,60
Filipinas	13,73	Nigéria	19,74	Nigéria	20,63	Paquistão	26,11
Bélgica	6,88	Alemanha	12,79	Paquistão	19,31	França	24,48
Alemanha	6,86	Egito	12,45	Egito	18,33	Bangladesh	21,75
Espanha	6,66	Bélgica	10,99	Alemanha	15,58	Alemanha	17,90
Polônia	6,47	Bangladesh	10,85	Bangladesh	15,30	Nigéria	17,21
Principais países que enviam remessas							
2005		2010		2015		2020	
Estados Unidos	47,75	Estados Unidos	50,53	Estados Unidos	60,72	Estados Unidos	68,00
Arábia Saudita	14,30	Arábia Saudita	27,07	Emirados Árabes Unidos	40,70	Emirados Árabes Unidos	43,24
Alemanha	12,71	Federação Russa	21,45	Arábia Saudita	38,79	Arábia Saudita	34,60
Suíça	10,86	Suíça	18,51	Suíça	26,03	Suíça	27,96
Reino Unido	9,64	Alemanha	14,68	Federação Russa	19,69	Alemanha	22,02
França	9,47	Itália	12,88	Alemanha	18,25	China	18,12
República da Coreia	6,90	França	12,03	Kuwait	15,20	Federação Russa	16,89
Federação Russa	6,83	Kuwait	11,86	França	12,79	França	15,04
Luxemburgo	6,74	Luxemburgo	10,66	Catar	12,19	Luxemburgo	14,20
Malásia	5,68	Emirados Árabes Unidos	10,57	Luxemburgo	11,19	Holanda	13,92

Fonte: Banco Mundial, n.d. (acesso em junho de 2021).

Observação: Todos os números estão em bilhões de dólares atuais (nominais).

Não há um consenso sobre como a “dependência excessiva” das remessas internacionais pode ser definida, mas a dependência das remessas é medida principalmente como a proporção de remessas em relação ao produto interno bruto (PIB). Atualmente, existem 29 países (de 177 países relatados) que têm uma proporção de remessas/PIB acima de 10%. Os cinco principais países receptores de remessas por parcela do PIB em 2020 foram Tonga (37,7%), seguido pela Somália (35,3%), Líbano (32,9%), Sudão do Sul (29,5%) e Quirguistão (29,4%). Enquanto muitos países mantiveram níveis semelhantes em 2020 como em 2019, a participação do PIB no Líbano triplicou quando o seu PIB despencou em 2020. Por outro lado, a economia de remessas haitianas como parcela do PIB caiu pela metade em valor devido ao acesso limitado às moedas locais e ao possível aumento nos custos de transferência. A forte dependência das remessas pode fomentar uma cultura de dependência no país receptor, potencialmente reduzindo a participação da força de trabalho e desacelerando o crescimento econômico.³⁴ Demasiada dependência das remessas também torna a economia mais vulnerável a mudanças repentinas nas receitas das remessas.³⁵

Figura 13. Os 20 principais países/territórios destinatários de remessas internacionais por total em bilhões de dólares (à esquerda) e parcela do PIB (à direita), 2019–2020



Fonte: Banco Mundial, n.d. (acesso em junho de 2021).

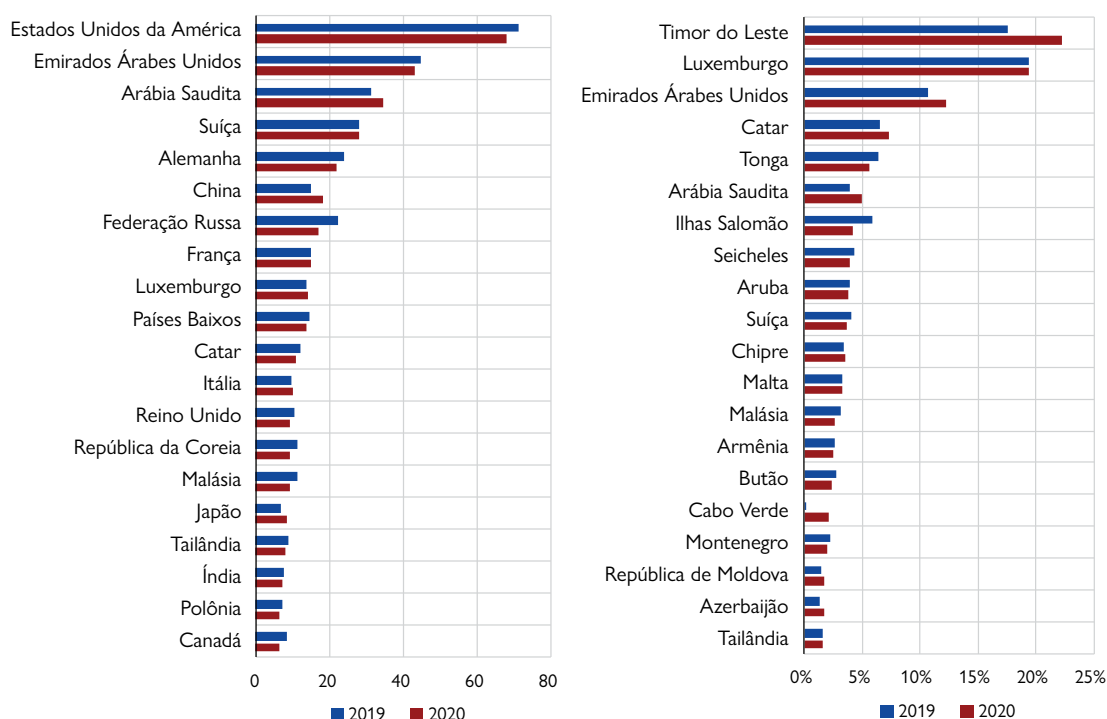
Observação: Todos os números estão em bilhões de dólares atuais (nominais). O Lêmen não está incluído, pois os dados de remessas não foram atualizados.

34 Amuedo-Dorantes, 2014.

35 Ghosh, 2006.

Os países de alta renda são quase sempre a principal fonte de remessas internacionais. Durante décadas, os Estados Unidos têm sido consistentemente o principal país emissor de remessas no mundo, com uma saída total de US\$ 68 bilhões em 2020, seguidos pelos Emirados Árabes Unidos (US\$ 43,24 bilhões), Arábia Saudita (US\$ 34,60 bilhões) e Suíça (US\$ 27,96 bilhões). O quinto maior país remetente de remessas em 2019 e 2020 foi a Alemanha (com saídas totais de US\$ 23,94 bilhões e 22,02 bilhões, respectivamente). Além do seu papel como principal destinatário, a China (classificada como um país de renda média alta pelo Banco Mundial) também tem sido uma fonte significativa de remessas internacionais, com US\$ 15,14 bilhões em 2019 e US\$ 18,12 bilhões registrados em 2020.

Figura 14. Os 20 principais países/territórios de envio de remessas internacionais por total em bilhões de dólares (esq.) e participação no PIB (dir.), 2019–2020



Fonte: Banco Mundial, n.d. (acesso em junho de 2021).

Observação: Todos os números estão em bilhões de dólares atuais (nominais).

Covid-19, remessas internacionais e digitalização

Durante 2020, muitos analistas no mundo todo acompanharam de perto as informações e análises mais recentes para entender as implicações da migração e da mobilidade em tempos de covid-19 nas remessas internacionais.^a Ao longo de 2020, os dados de remessas de vários países desafiaram as projeções do Banco Mundial de importantes declínios globais nas remessas, com alguns países registrando entradas mensais recordes após meados de 2020.

De acordo com o relatório de maio de 2021 do Banco Mundial, os fluxos de remessas^b se mostraram resilientes durante a crise de covid-19. Em 2020, os fluxos de remessas registrados oficialmente atingiram US\$ 702 bilhões, apenas 2,4% abaixo dos US\$ 719 bilhões registrados em 2019, o que contrasta totalmente com as estimativas anteriores (US\$ 572 bilhões em abril de 2020^c e US\$ 666 bilhões em outubro de 2020^d).

Juntamente com as respostas políticas para apoiar remessas e melhores condições econômicas, uma mudança de canais informais (p. ex.: transporte de dinheiro através das fronteiras) para canais mais formais por meio de uma maior digitalização das transferências financeiras parece ser um dos fatores mais importantes para explicar o declínio mais lento do que o esperado nos fluxos de remessas. Portanto, é provável que os dados oficiais capturem mais remessas, mesmo que o tamanho real do total de remessas internacionais (formais e informais) possa ter caído. Por exemplo, no México, os fluxos de remessas passaram de informais para formais, pois as passagens de fronteira foram restringidas em 2020 e as transferências eletrônicas se tornaram a única opção de remessa.^e

Vários países adotaram medidas para incentivar o uso de serviços digitais durante a pandemia e as plataformas de dinheiro móvel tornaram a transferência de remessas mais barata e mais rápida do que as tradicionais transferências de dinheiro e bancárias. Por meio do dinheiro móvel, as remessas tornaram-se mais rastreáveis, fazendo com que esse método seja mais seguro do que os canais informais.^f

No entanto, os custos de envio de remessas para casa, especialmente na África Subsaariana, ainda permanecem altos, apesar dos esforços globais para reduzir o custo das remessas internacionais desde o final dos anos 2000. Em março de 2021, o envio de remessas globalmente custa em média 6,38% do valor enviado (meta dos ODS da ONU de reduzir para menos de 3%) e 26% dos corredores de país para país estão acima de um custo total de 5% (meta dos ODS da ONU para atingir zero desses corredores).^g

A covid-19 pode proporcionar o impulso extra para aproveitar a tecnologia para expandir ainda mais os canais de remessa e reduzir os custos.

a Organização Internacional para as Migrações (OIM), 2020g; IOM, 2020h; IOM, 2020i, IOM, 2021b.

b Ratha et al., 2021.

c Ratha et al., 2020a.

d Ratha et al., 2020b.

e Dinarte et al., 2021.

f Aron e Muellbauer, 2019.

g Banco Mundial, 2021b.

Refugiados e requerentes de asilo

Até o final de 2020, havia um total de 26,4 milhões de refugiados no mundo todo, com 20,7 milhões sob mandato do ACNUR e 5,7 milhões de refugiados registrados pela Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (UNRWA).³⁶ O número total de refugiados é o mais alto já registrado, embora a taxa de crescimento anual tenha desacelerado desde 2012.

Havia também aproximadamente 4,1 milhões de pessoas buscando proteção internacional e aguardando a determinação do status de refugiadas, chamadas de requerentes de asilo. Em 2020, o número global de pedidos de asilo em primeira instância apresentados foi de 1,1 milhão. Essa queda de 45% em relação aos 2 milhões do ano anterior representa a maior queda em um único ano desde 2000, quando os pedidos de asilo começaram a ser agregados globalmente pelo ACNUR, e foi resultado direto das restrições de mobilidade decorrentes da covid-19. O principal destinatário continuou sendo os Estados Unidos, com cerca de 250,8 mil pedidos, uma queda de 14% em relação ao ano anterior (301 mil). Em segundo lugar ficou a Alemanha, com 102,6 mil novas solicitações, uma queda notável em relação a 2019 (142,5 mil) e o menor registrado em quase dez anos.

No final de 2020, os menores de 18 anos constituíam cerca de 38% da população de refugiados (8 milhões dos 20,7 milhões de refugiados sob o mandato do ACNUR). Crianças desacompanhadas e separadas (UASC*) apresentaram cerca de 21 mil pedidos de asilo individuais em 2020, uma queda em relação aos 25 mil do ano anterior.

Como descrito em relatórios anteriores, a dinâmica de conflitos não resolvida ou renovada nos principais países contribuiu significativamente para os números e tendências atuais. Das pessoas refugiadas sob mandato do ACNUR no final de 2020, os dez principais países de origem – República Árabe da Síria, Afeganistão, Sudão do Sul, Myanmar, República Democrática do Congo, Somália, Sudão, República Centro-Africana, Eritreia e Burundi – representavam mais de 80% da população total de refugiados. Muitos desses países estão entre as principais origens de refugiados há pelo menos sete anos.

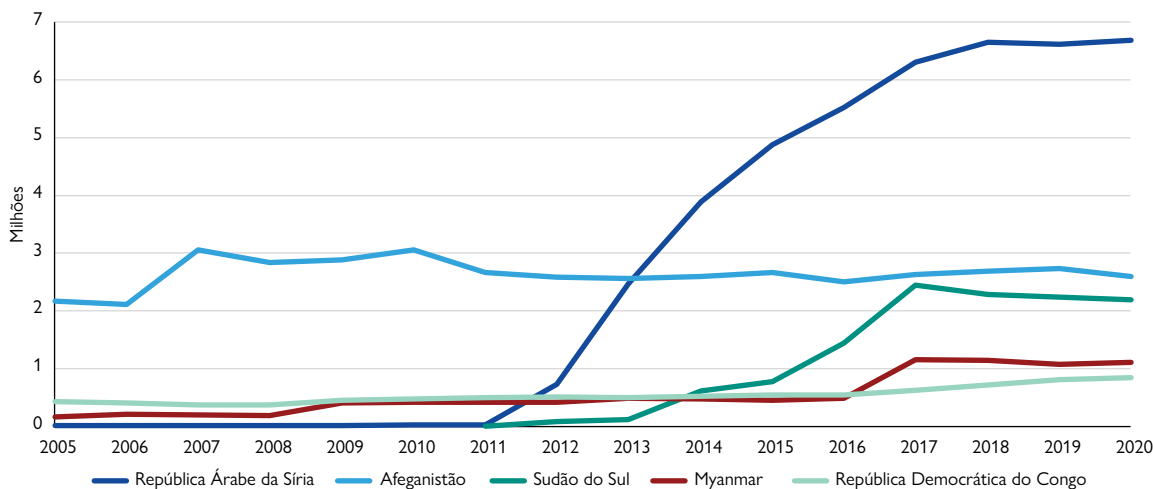
O conflito em curso na República Árabe da Síria, que já dura uma década, viu o número de pessoas refugiadas daquele país atingir aproximadamente 6,7 milhões. Este foi um aumento de quase 100 mil em relação ao ano anterior e chegando ao sétimo ano consecutivo como o principal país de origem dos refugiados. A instabilidade e a violência que tornaram o Afeganistão uma importante fonte de refugiados por mais de 30 anos continuaram, o que fez com que o país ocupasse o segundo lugar na lista mundial de país de origem, com 2,6 milhões de refugiados em 2020 – esta é uma diminuição dos números de 2019 (2,7 milhões). O Sudão do Sul continuou sendo o terceiro maior país de origem de pessoas refugiadas desde que a violência em larga escala eclodiu em meados de 2016, com 2,2 milhões no final de 2020. Refugiados da República Árabe da Síria, Afeganistão, Sudão do Sul, Myanmar e República Democrática do Congo compreendiam mais da metade da população mundial de pessoas refugiadas. A Figura 15 mostra as tendências nos números de refugiados nos cinco principais países de origem de 2005 a 2020. O impacto do conflito sírio está claramente ilustrado; em 2010, a República Árabe da Síria era um país de origem para menos de 30 mil refugiados e requerentes de asilo, ao mesmo tempo em que era o terceiro maior país acolhedor do mundo, com mais de um milhão de refugiados originários principalmente do Iraque.³⁷

36 O conteúdo desta subseção é baseado e extraído do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), 2021a. Consultar estes documentos para notas explicativas, análises mais aprofundadas, ressalvas, limitações e metodologias associadas aos números e tendências apresentados. Os relatórios anteriores de Tendências Globais do ACNUR, assim como o seu banco de dados de Estatísticas da População (ACNUR, n.d.a), são outras fontes importantes de informação.

* N. de T.: UASC significa *Unaccompanied and Separated Child*.

37 Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), 2011.

Figura 15. Número de refugiados segundo os cinco principais países de origem, 2005-2020 (em milhões)

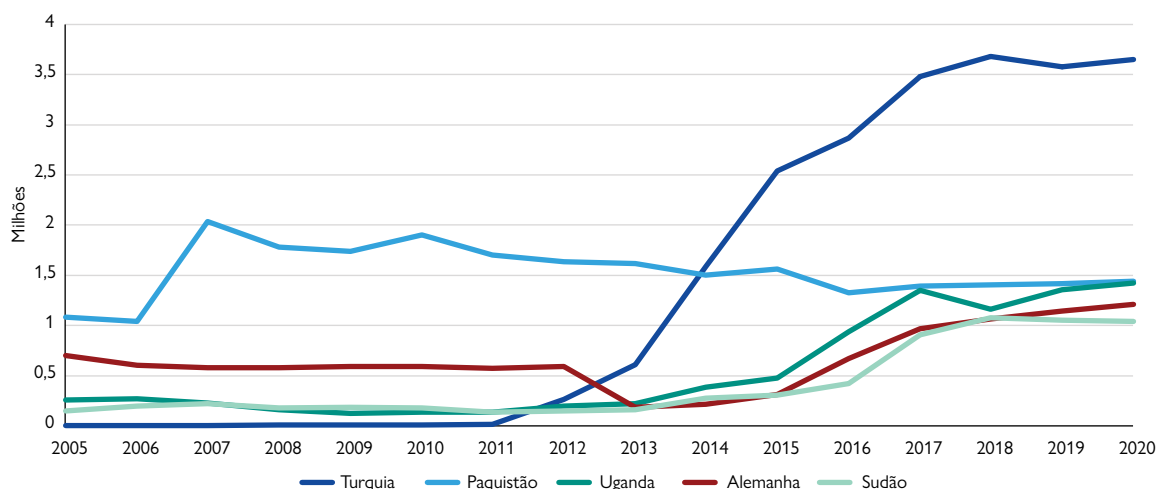


Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), n.d.a (acesso em 23 junho de 2021).

Observação: O Sudão do Sul se tornou um país em 2011.

Consistente com os anos anteriores, mais da metade de todos os refugiados residiam em dez países. Em 2020, pelo quinto ano consecutivo, a Turquia foi o maior país acolhedor do mundo, com mais de 3,6 milhões de refugiados, principalmente oriundos da Síria. Refletindo a parcela significativa de sírios na população global de refugiados, outros dois países vizinhos — Jordânia e Líbano — também figuraram entre os dez principais. O Paquistão e a República Islâmica do Irã também estavam entre os dez principais países que acolhem pessoas refugiadas, como os dois principais países acolhedores de pessoas refugiadas oriundas do Afeganistão, o segundo maior país de origem. Uganda, Alemanha, Sudão, Bangladesh e Etiópia compuseram o resto. A grande maioria dos refugiados (73%) foi acolhida por países vizinhos. De acordo com o ACNUR, os países menos desenvolvidos — como Bangladesh, Chade, Etiópia, Ruanda, Sudão do Sul, Sudão, República Democrática do Congo, República Unida da Tanzânia, Uganda e Iêmen — acolheram 33% do total global (6,7 milhões de refugiados).

Figura 16. Número de refugiados de acordo com os cinco principais países acolhedores a partir de 2020 (milhões)



Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), n.d.a (acesso em 23 junho de 2021).

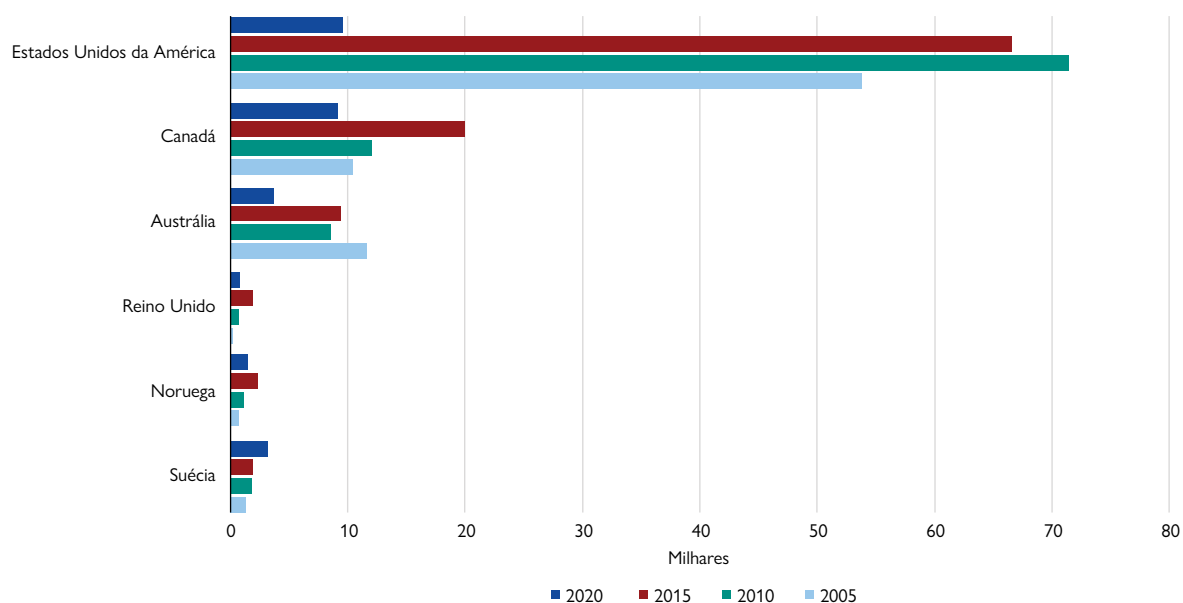
Em 2020, mais de 250 mil pessoas refugiadas retornaram aos seus países de origem, 21% menos do que no ano anterior (317 mil). Quase metade (122 mil) dos retornos foi para o Sudão do Sul, sendo a maioria de Uganda (74 mil). Em 2020, o Sudão do Sul ultrapassou a República Árabe da Síria no maior número de retornos de refugiados.

Embora existam muitos desafios para medir quem se beneficia da integração local, o ACNUR estima que, em 2020, 28 países relataram pelo menos um refugiado naturalizado (em comparação com 25 países em 2019), com um total de quase 34 mil refugiados naturalizados por ano (uma notável redução dos quase 55 mil refugiados recém-naturalizados em 2019, mas um aumento significativo em comparação com os 23 mil relatados em 2016). Em 2020, 85% das naturalizações ocorreram na Europa, a maioria (aproximadamente 25,7 mil refugiados) na Holanda.

Em segundo e terceiro lugares ficaram o Canadá (aproximadamente 5 mil) e a França (aproximadamente 2,5 mil). Em 2020, cerca de 34,4 mil refugiados foram admitidos para reassentamento no mundo todo, representando uma grande diminuição em relação a 2019, quando mais de 107,7 mil foram reassentados. Os principais países de reassentamento foram os Estados Unidos e o Canadá, com cerca de 9,6 mil e 9,2 mil refugiados, respectivamente, e uma queda extremamente acentuada em relação ao ano anterior de 27,5 mil (Estados Unidos) e 30,1 mil (Canadá). A União Europeia reassentou um total de 11,6 mil refugiados. Os sírios foram os principais beneficiários, representando um terço dos refugiados reassentados, seguidos pelos congoleses (12%).

A queda acentuada no reassentamento de refugiados pode ser explicada em parte pelo efeito da pandemia, que limitou severamente os movimentos internacionais no mundo todo. Uma causa adicional do declínio no número de refugiados reassentados nos Estados Unidos deveu-se a uma redução substancial do teto de admissão de refugiados (o número de refugiados admitidos para reassentamento a cada ano fiscal) e uma triagem de segurança aprimorada para refugiados de “alto risco” países, o que teve o efeito de diminuir o número de admissões de refugiados desses países. A Figura 17 oferece uma visão geral das estatísticas de reassentamento dos principais países de 2005 a 2020.

Figura 17. Número de refugiados reassentados de acordo com os principais países de reassentamento em 2005-2020



Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), n.d.b. (acesso em 23 junho de 2021).

Nos últimos dez anos, o número de refugiados que precisam de reassentamento aumentou dramaticamente, quase duplicando de tamanho. O ACNUR estimou que em 2011 havia aproximadamente 805 mil refugiados com necessidade de reassentamento, o que aumentou para 1,4 milhão em 2021.³⁸

O número de refugiados reassentados tem flutuado ao longo dos anos. Em 2005, quase 81 mil refugiados foram reassentados, em comparação com cerca de 34 mil em 2020. No entanto, em 2019, o número de reassentados foi de quase 108 mil. No geral, o reassentamento não acompanhou o aumento significativo da necessidade (ver Tabela 4).

38 Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), 2021b.

Tabela 4. Número de refugiados que precisam de reassentamento e número de refugiados reassentados globalmente, desde 2005

	Total de necessidades de reassentamento projetadas (incluindo planejamento plurianual), pessoas	Chegadas de reassentamento
2005	—	80 734
2006	—	71 660
2007	—	75 271
2008	—	88 772
2009	—	112 455
2010	—	98 719
2011	805 535	79 727
2012	781 299	88 918
2013	859 305	98 359
2014	690 915	105 148
2015	958 429	106 997
2016	1 153 296	172 797
2017	1 190 519	102 709
2018	1 195 349	92 348
2019	1 428 011	107 729
2020	1 440 408	34 383
2021	1 445 383	—

Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), n.d.b. (acesso em 23 junho de 2021).

Observação: O relatório *Necessidades Globais de Reassentamento Projetadas* elaborado pelo ACNUR está disponível a partir de 2011.

O papel da OIM no reassentamento

A OIM desempenha um papel fundamental no reassentamento global. Prestar apoio essencial aos Estados no reassentamento de refugiados e outros participantes humanitários é um objetivo fundamental e está entre as suas maiores atividades em andamento. Além dos programas tradicionais de reassentamento de refugiados e de ajuda humanitária, mais Estados estão interessados ou estão realizando outras formas de admissão, como patrocínios privados, bolsas de estudos e esquemas de mobilidade laboral. Os dados de movimento da OIM para assistência de reassentamento referem-se ao número geral de refugiados e outras pessoas preocupadas que viajam sob os auspícios da OIM de vários países de partida para destinos ao redor do mundo durante um determinado período.

Em 2019, cerca de 107 mil pessoas viajaram sob os auspícios da OIM por meio de programas de reassentamento, com operações significativas fora do Afeganistão, Egito, Etiópia, Iraque, Jordânia, Quênia, Líbano, Turquia, Uganda, Ucrânia e República Unida da Tanzânia.^a Na figura mencionada, cerca de 30 mil pessoas com necessidade de proteção internacional foram reassentadas em 18 países europeus diferentes, representando 30% do número de casos de reassentamento global e admissão humanitária assistidos pela OIM.

Em 2020, a OIM apoiou mais de 27 Estados na realização de reassentamento, admissões humanitárias e realocação de um total de 40.536 refugiados e outras pessoas em situação de vulnerabilidade, com operações significativas fora do Afeganistão, Grécia, Jordânia, Líbano e Turquia. Os três principais países de reassentamento foram os Estados Unidos, Canadá e Suécia. Do total referido, 3.063 beneficiários com necessidade de proteção internacional foram deslocados da Grécia, Itália e Malta para 14 países de destino do Espaço Econômico Europeu, a maioria dos quais deslocados em voos charter.

A OIM apoia os seus Estados Membros na implementação de uma variedade de reassentamento, realocação e outros esquemas de admissão humanitária, muitos dos quais são programas bem estabelecidos, enquanto outros são respostas *ad hoc* a crises específicas de migração forçada.

Dadas as grandes necessidades e a falta de locais disponíveis para reassentamento, a OIM continua se envolvendo com os atores para aumentar a acessibilidade a caminhos seguros e legais. Sob acordos de cooperação, a OIM fornece às partes interessadas as informações necessárias e compartilha dados com os principais parceiros, como o ACNUR, países de reassentamento e agências de liquidação. A OIM trabalha em estreita colaboração com o ACNUR regularmente, para verificar e alinhar melhor os dados agregados relacionados ao reassentamento, especificamente em torno dos valores das partidas. Para mais informações sobre as atividades de reassentamento da OIM, visite www.iom.int/resettlement-assistance.

a Organização Internacional para as Migrações (OIM), 2020j.

Pessoas deslocadas internamente

O Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC) compila dados sobre dois tipos de deslocamento interno: novos deslocamentos durante um determinado período e a população total de pessoas deslocadas internamente (PDI) em um determinado momento. Essas informações estatísticas são categorizadas por duas causas de deslocamento amplo: (a) desastres e (b) conflito e violência. No entanto, o IDMC reconhece os desafios associados à distinção entre desastres e conflitos como a causa imediata do deslocamento e destaca a crescente necessidade de identificar melhores maneiras de relatar o deslocamento no contexto de vários motoristas.³⁹ As medidas para conter a propagação da covid-19 impediram a coleta de dados de deslocamento.⁴⁰

Com um número estimado de 48 milhões, a população global total de pessoas deslocadas internamente por conflitos e violência em 59 países desde 31 de dezembro final de 2020 foi o mais alto já registrado desde que o IDMC começou a monitorar em 1998 e representa um aumento em relação aos 45,9 milhões registrados em 2019. Assim como as tendências para os refugiados (discutidas na seção anterior), conflitos intratáveis e novos significaram que o número total de pessoas deslocadas internamente por conflitos e violência quase dobrou desde 2000 e aumentou acentuadamente desde 2010.

A Figura 18 mostra os 20 principais países do mundo com o maior número de deslocados devido a conflitos e violência (população) no final de 2020. A maioria dos países estava no Oriente Médio ou na África Subsaariana. A República Árabe da Síria teve o maior número de pessoas deslocadas devido a conflitos (6,6 milhões) até o final de 2020, seguida pela República Democrática do Congo (5,3 milhões). A Colômbia teve o terceiro maior número com 4,9 milhões, seguida pelo Iêmen (3,6 milhões) e Afeganistão (3,5 milhões). Mais de 35 milhões (quase 74%) do total global de 48 milhões de pessoas deslocadas viviam em apenas dez países.⁴¹

Em termos de proporção da população nacional, a República Árabe da Síria, cujo conflito se arrasta há mais de uma década, teve mais de 35% de sua população deslocada devido a conflitos e violência. A Somália teve a segunda maior proporção (19%), seguida pela República Centro-Africana, Sudão do Sul e Iêmen (com mais de 12%). É importante notar, no entanto, que especialmente para casos de deslocamento prolongado, como na Colômbia, algumas pessoas que retornaram aos seus locais de origem e às suas casas ainda podem ser contadas como deslocadas internas. Isso ocorre porque, em alguns casos, uma solução durável não foi alcançada.⁴² Organizações como o IDMC seguem a estrutura do Comitê Permanente entre Agências sobre “Soluções duráveis para pessoas deslocadas internamente”, que estipula oito critérios que constituem uma solução durável para determinar quando as pessoas não devem mais ser consideradas deslocadas internamente.⁴³

39 O IDMC destaca os desafios na coleta de dados sobre deslocamentos devido a projetos de desenvolvimento, violência criminal ou desastres de início lento, assim como os seus esforços para superar essas dificuldades. Ver IDMC, 2019: 72-73.

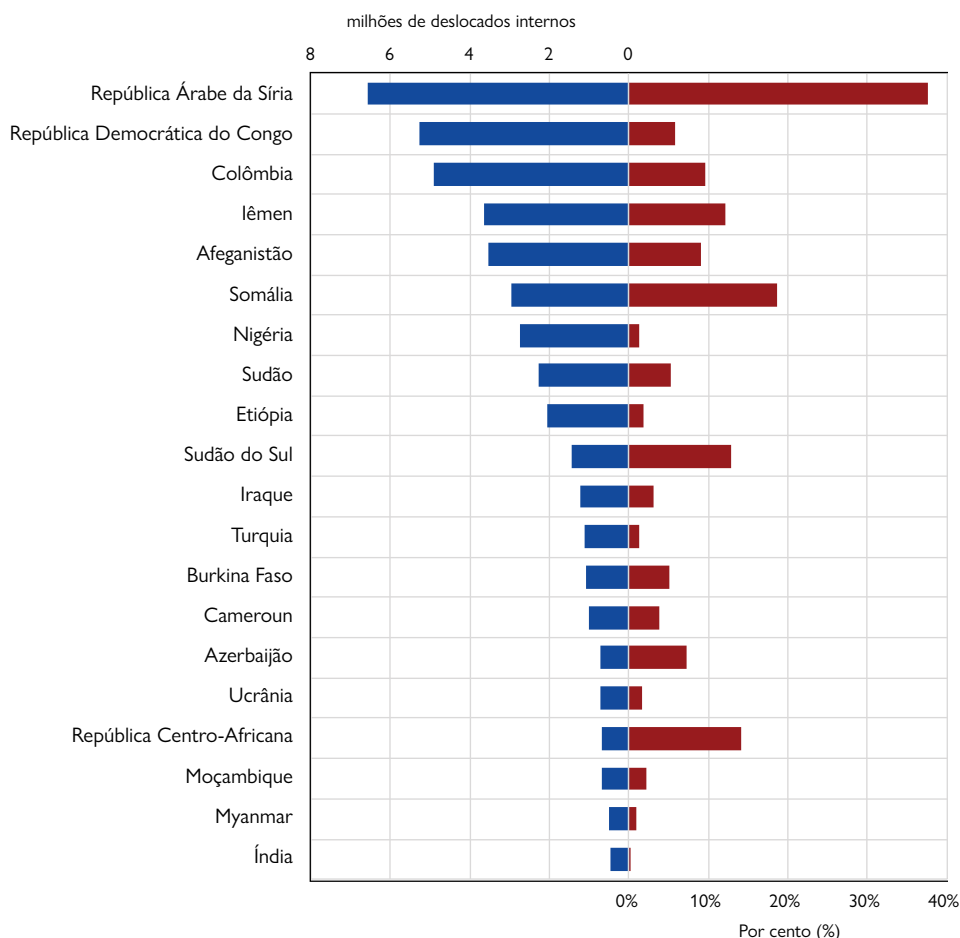
40 Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC), 2020:4.

41 Os dez países compreendem a República Árabe da Síria, República Democrática do Congo, Colômbia, Iêmen, Afeganistão, Somália, Nigéria, Sudão, Etiópia e Sudão do Sul.

42 Uma solução durável é alcançada “quando os deslocados internos não tiverem mais necessidades específicas de assistência e proteção que estão ligadas ao seu deslocamento e essas pessoas podem usufruir dos seus direitos humanos sem discriminação resultante do deslocamento”. Ver, por exemplo, Brookings Institution e Universidade de Berna, 2010.

43 Os critérios incluem: segurança e proteção; padrão de vida adequado; acesso a meios de subsistência; restauração de moradias, terrenos e propriedades; acesso a documentação; reagrupamento familiar; participação em assuntos públicos; e acesso a remédios e justiça eficazes. Ver, por exemplo, Brookings Institution e Universidade de Berna, 2010; Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC), 2019.

Figura 18. Os 20 principais países com as maiores populações de pessoas deslocadas internamente por conflitos e situações de violência a partir do final de 2020 (em milhões)



Fonte: Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC), 2021.

Observação: A população de pessoas deslocadas internamente se refere ao número acumulado de pessoas deslocadas ao longo do tempo. O tamanho da população usado para calcular a porcentagem de deslocados internos por conflitos se baseia na população residente total do país de acordo com as estimativas de população da DESA (2021a).

Em 2020, o número total global de pessoas deslocadas por desastres foi de cerca de 7 milhões de pessoas em 104 países e territórios. Os registros indicam que essas pessoas ainda viviam em deslocamento no final de 2020 devido a desastres ocorridos nesse mesmo ano. Conforme observado pelo IDMC, esse número é uma “estimativa altamente conservadora”, pois não captura quem vive em deslocamento por causa de desastres que ocorreram antes de 2020.

Estatísticas de deslocados internos: recomendações

Novas recomendações^a foram publicadas em janeiro de 2021 pelo Grupo de Especialistas em Estatísticas de Refugiados e Deslocados Internos (EGRIS), estabelecido em 2016 para facilitar a compilação de estatísticas oficiais sobre refugiados, requerentes de asilo e deslocados internos. As recomendações atualizaram o relatório técnico de 2018,^b os primeiros padrões reconhecidos globalmente para estatísticas oficiais sobre deslocamento forçado, oferecendo recomendações sobre a produção e divulgação de estatísticas sobre deslocamento interno. O relatório do Grupo de Especialistas compreende seis capítulos (excluindo introdução e notas finais):

- **Estruturas e definições legais e políticas:** padrões internacionais e regionais para proteção de deslocados internos e definições não estatísticas comumente usadas para deslocados internos;
- **Marco estatístico para deslocamento interno:** especificação de grupos populacionais no âmbito das recomendações e definições estatísticas de entradas, populações e saídas de pessoas deslocadas internamente;
- **Soluções duráveis e principais vulnerabilidades relacionadas ao deslocamento:** análise de vulnerabilidades de deslocados internos e avaliação do progresso em direção a soluções duráveis;
- **Esboço das variáveis e indicadores-chaves:** variáveis recomendadas, incluindo idade e sexo, e tabulações para as diferentes categorias de pessoas que se enquadram no marco estatístico de deslocamento interno;
- **Fontes de dados para recolha de estatísticas sobre deslocados internos:** fontes de dados, incluindo censos e pesquisas, disponíveis para a produção de estatísticas deslocadas, e respectivos desafios e vantagens; e
- **Princípios e mecanismos para a coordenação de estatísticas de deslocados internos:** padrões de qualidade e o papel da coordenação sobre dados operacionais e fortalecimento de sistemas estatísticos sobre deslocamento forçado.

As recomendações serão continuamente promovidas por um grupo de países com apoio técnico dos membros da EGRIS para construir sistemas de dados e capacidade estatística.

a EGRIS, 2020.

b EGRIS, 2018.

Novos deslocamentos em 2020

Até o final de 2020, havia um total de 40,5 milhões de novos deslocamentos internos em 42 países e territórios devido a conflitos e violência, e 144 países e territórios devido a desastres. Desses novos deslocamentos, 76% (30,7 milhões) foram desencadeados por desastres e 24% (9,8 milhões) foram causados por conflitos e violência.⁴⁴

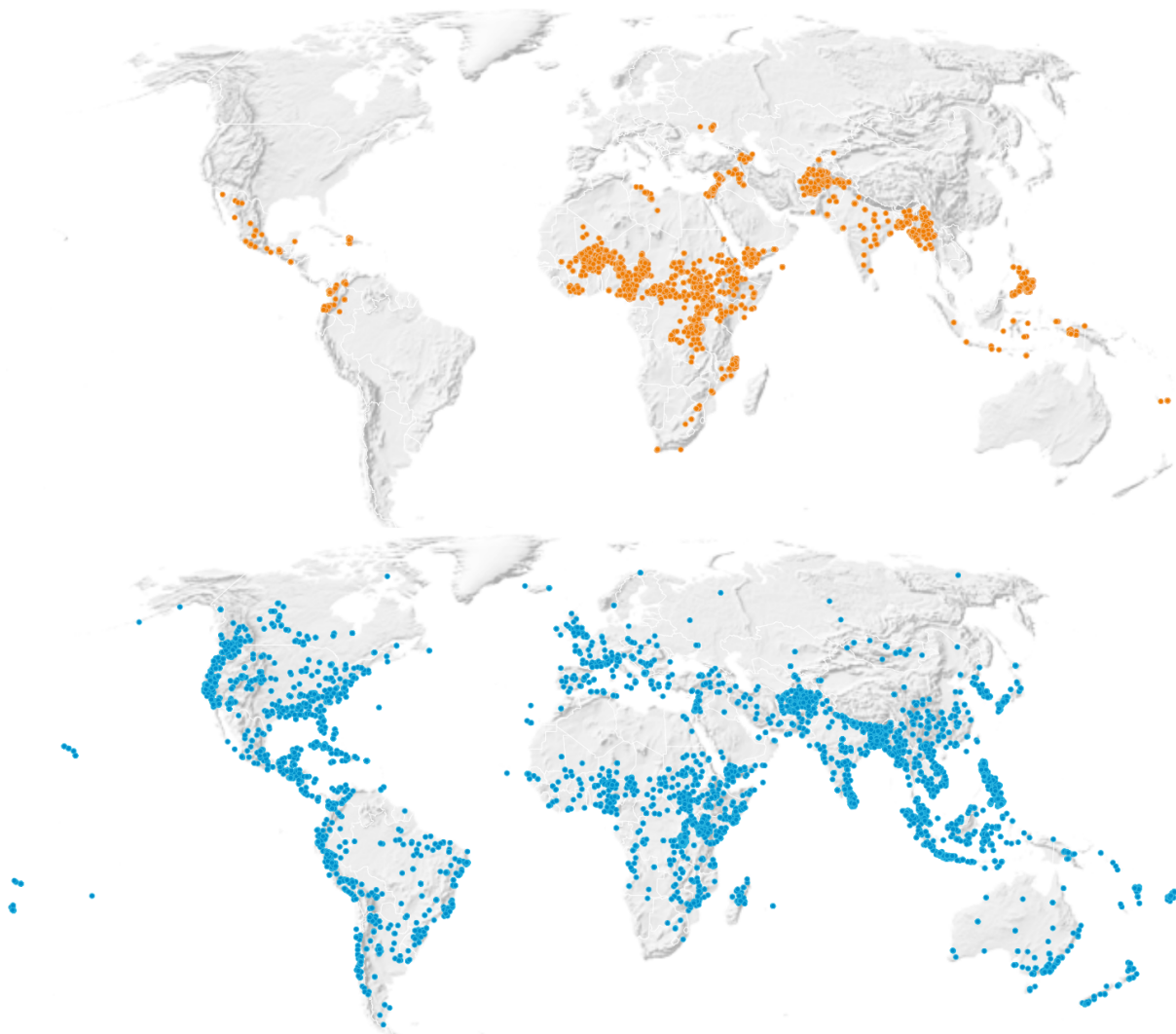
Em 2020, a República Democrática do Congo (2,2 milhões) e a República Árabe da Síria (1,8 milhão) lideraram a lista com os maiores números de novos deslocamentos causados por conflitos e violência, por conseguinte influenciando consideravelmente os números globais. Seguiram-se Etiópia (1,7 milhões), Moçambique (0,6 milhões)

⁴⁴ O conteúdo desta subseção é baseado e extraído de IDMC, 2020 e IDMC, 2021. Consulte estes documentos para notas explicativas, análises mais aprofundadas, ressalvas, limitações e metodologias associadas aos números e tendências apresentados. Os relatórios anteriores do IDMC *Estimativas Globais* (disponíveis em www.internal-displacement.org/global-report/), assim como a Base de Dados de Deslocamento Interno Global (IDMC, n.d.), são outras fontes importantes de informação.

e Burkina Faso (0,5 milhões). As Filipinas experimentaram os maiores números absolutos de novos deslocamentos por desastres em 2020 (aproximadamente 5,1 milhões).⁴⁵

Em qualquer ano, muito mais pessoas são recém-deslocadas por desastres do que aquelas recém-deslocadas por conflitos e violência, e muito mais países são afetados por deslocamentos causados por desastres. Isso é aparente ao examinar o número de países e territórios em que ocorreram novos deslocamentos em 2020: 144 causados por desastres, em comparação com 42 para conflitos e violência (ver Figura 19). Como nos anos anteriores, os desastres relacionados ao clima desencadearam a grande maioria (30 milhões) de todos os novos deslocamentos, sendo que as tempestades representam 14,6 milhões de deslocamentos e as inundações, 14,1 milhões.

Figura 19. Deslocamentos de conflito (sup.) e deslocamentos de desastres (inf.) em 2020, por lugar



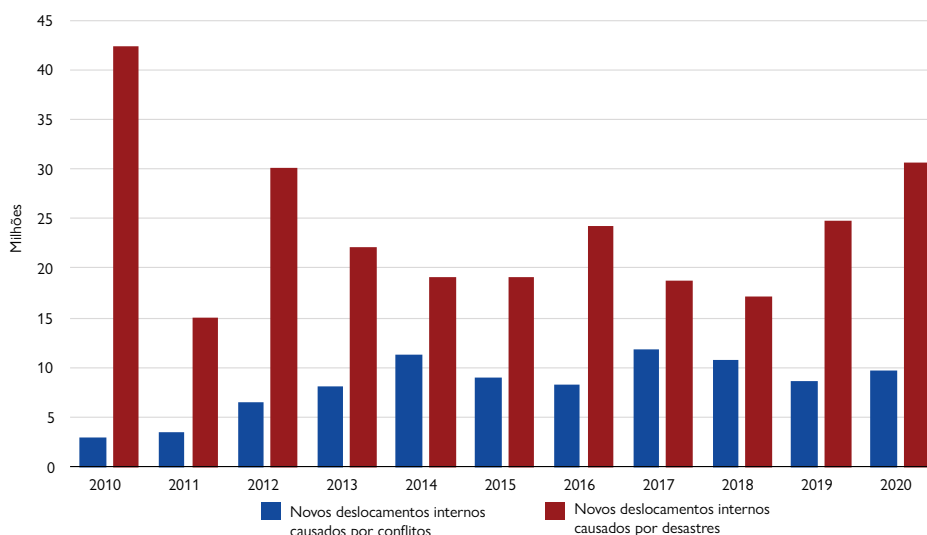
Fonte: Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC), 2021.

Observação: Este mapa é apenas para fins ilustrativos. Os limites e nomes mostrados e as designações usadas neste mapa não implicam endosso ou aceitação oficial por parte da Organização Internacional para as Migrações.

45 O IDMC destaca possíveis razões para essas mudanças, incluindo a estabilização de linhas de frente de conflitos, cessar-fogo, restrições à liberdade de movimento e mudanças na metodologia de coleta de dados.

Conforme mostrado na Figura 20, em anos anteriores, os novos deslocamentos anuais em desastre superavam os novos deslocamentos associados a conflitos e violência. O IDMC observa, no entanto, que uma parcela significativa do total global de novos deslocamentos por desastres geralmente está associada a evacuações de curto prazo de maneira relativamente segura e ordenada.

Figura 20. Novos deslocamentos internos causados por conflitos e desastres, 2010-2020 (em milhões)



Fonte: Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDCM), n.d. (acesso em maio de 2021).

Observações: O termo “novos deslocamentos” se refere ao número de movimentos de deslocamentos ocorridos em determinado ano, não à população total acumulada de deslocados internos resultantes de deslocamentos ao longo do tempo. Os novos números de deslocamento incluem indivíduos que foram deslocados mais de uma vez e não correspondem ao número de pessoas deslocadas durante um determinado ano.

Matriz de Acompanhamento de Deslocamento da OIM

O programa Matriz de Acompanhamento de Deslocamento (DTM) da OIM reúne e analisa dados para divulgar informações críticas em várias camadas sobre deslocamento e mobilidade populacional. A coleta e a análise de dados da DTM permite que as pessoas responsáveis pela tomada de decisão e os respondentes prestem a essas populações uma melhor assistência específica ao contexto e baseada em evidências. Os dados são compartilhados na forma de mapas, infográficos, relatórios, visualizações interativas baseadas na Web e exportação de dados brutos ou personalizados. Com base em um determinado contexto, a DTM reúne informações sobre populações, locais, condições, necessidades e vulnerabilidades, usando uma ou mais das seguintes ferramentas metodológicas:

- Rastreamento de mobilidade e necessidades multissetoriais em nível de área e local para monitorar as necessidades e direcionar a assistência;
- Rastreamento de tendências de movimento (“fluxo”) e a situação geral nos pontos de origem, trânsito e destino;

- Registro de indivíduos e famílias deslocadas para seleção de beneficiários, direcionamento e elaboração de programas segundo as vulnerabilidades;
- Realização de pesquisas para coletar informações detalhadas sobre populações de interesse.

Em 2020, operando em mais de 80 países, a DTM fez o acompanhamento de mais de 30 milhões de deslocados internos, 26 milhões de retornados e 5 milhões de migrantes. Os dados da DTM da OIM são uma das maiores fontes de estimativas anuais globais sobre deslocamento interno compiladas pelo IDMC. Para mais informações sobre a DTM da OIM, visite <https://dtm.iom.int/>.

Conclusões

É importante entender a migração e o deslocamento, e como eles estão mudando a nível global, dada a sua relevância para os Estados, comunidades locais e indivíduos. A migração e a mobilidade humana podem ser fenômenos antigos que remontam aos primeiros períodos da história, mas as suas manifestações e os impactos mudaram ao longo do tempo à medida que o mundo se tornou mais globalizado.⁴⁶ Isso foi destacado em termos gritantes à medida que a covid-19 continua interrompendo significativamente a migração e a mobilidade internacional (e muitas outras facetas da sociedade moderna), mais de 18 meses desde que foi declarada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS).⁴⁷ As restrições de mobilidade contínuas ainda são uma característica fundamental em muitas sociedades ao redor do mundo, à medida que as cepas de vírus veem os casos confirmados aumentarem novamente e enquanto a distribuição de vacinas continua, embora de maneira altamente desigual no mundo todo. As restrições à mobilidade — internacional e interna — surgiram como um dos principais pilares da resposta à covid-19 e, embora evoluindo e flutuando, persistiram desde então. O capítulo temático sobre os impactos da covid-19 (Capítulo 5 deste relatório) explora essas questões com muito mais detalhes, com foco nos primeiros 12 meses da pandemia e as suas implicações de longo prazo.

Agora, mais do que em qualquer outro momento da história, temos mais dados e informações sobre migração e deslocamento globalmente à nossa disposição; no entanto, a própria natureza da migração em um mundo interconectado significa que a sua dinâmica pode ser difícil de capturar em termos estatísticos. Dito isso, vimos conjuntos de dados inteiramente novos surgirem muito rapidamente durante a pandemia, inclusive da OIM (Figura 8) e de outras agências da Organização das Nações Unidas, assim como de instituições acadêmicas.⁴⁸ Além disso, algumas das grandes empresas de tecnologia, incluindo Facebook e Google, começaram a liberar dados de mobilidade anonimizados no início da pandemia com base nos registros de mobilidade dos usuários, fornecendo uma indicação das grandes quantidades de dados de registro de unidade coletados, além de enfatizar as preocupações existentes sobre as implicações de direitos humanos (incluindo privacidade) de tais dados reservas e o seu uso.⁴⁹ Também estamos vendo como a crescente digitalização da migração e mobilidade — cuja força vital são os dados — está sendo cada vez mais utilizada como parte dos esforços contínuos para desenvolver e implementar tecnologia de

46 McAuliffe e Goossens, 2018; Triandafyllidou, 2018.

47 Organização Mundial da Saúde (OMS), 2020.

48 Ver, por exemplo, o *Government Response Tracker* da Universidade de Oxford (usado neste capítulo) e o conjunto de dados sobre covid-19 da Universidade Johns Hopkins (referido no Capítulo 5 deste relatório).

49 Toh, 2020; Zuboff, 2021.

inteligência artificial em sistemas de migração (consultar Capítulo 11 deste relatório). A redução da desigualdade global também conta com o apoio da coleta e análise de dados. O Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular enfatiza o compromisso de melhorar a cooperação internacional em migração, assim como coletar dados de migração e realizar pesquisas e análises para que possamos entender melhor as tendências e padrões e processos em evolução, para apoiar o desenvolvimento de evidências respostas baseadas. Desenvolvimentos recentes nesta área são descritos no Capítulo 4, com referência particular ao trabalho que está sendo realizado pela Rede das Nações Unidas sobre Migração.

No contexto da globalização em curso, assim como da expansão da coleta de dados e dos processos de digitalização relacionados, é cada vez mais relevante ficar a par das tendências de longo prazo e dos padrões em evolução na migração e no deslocamento. Neste capítulo, damos uma visão global de migração e migrantes, com base nos dados atuais disponíveis. Não obstante as lacunas e defasagens de dados, várias conclusões de alto nível podem ser tiradas. Em nível global, por exemplo, podemos ver que, ao longo do tempo, os migrantes fixaram residência em algumas regiões (como Ásia e Europa) em uma proporção muito maior do que em outras (como África e América Latina e Caribe); e que esta tendência deverá continuar a longo prazo, apesar dos impactos agudos da pandemia nos últimos meses. Da mesma forma, as estatísticas mostram que os trabalhadores migrantes continuam gravitando em direção a regiões com maiores oportunidades, à medida que as economias crescem e os mercados de trabalho evoluem, e que algumas populações de trabalhadores migrantes são fortemente de gênero (ver Figura 11). Dito isso, análises adicionais neste relatório (Capítulo 7) indicam que houve mudanças na composição dos corredores de migração, juntamente com indicações de que uma maior mobilidade vem ocorrendo em países altamente desenvolvidos nos últimos anos.

Os dados globais também mostram que o deslocamento causado por conflitos, violência generalizada e outros fatores permanece em alta recorde, apesar das dificuldades adicionais na coleta de dados durante a pandemia. Conflitos e violência intratáveis, não resolvidos e recorrentes levaram a um aumento no número de refugiados no mundo todo. Embora um punhado de países continue oferecendo soluções para refugiados, em geral, elas têm sido profunda e persistentemente insuficientes para atender às necessidades globais. Além disso, estima-se que haja mais pessoas deslocadas internamente no final de 2020 do que nunca. Os recentes eventos trágicos no Afeganistão indicam que provavelmente veremos o número de deslocamentos globais aumentar ainda mais no futuro imediato, à medida que as pessoas são deslocadas dentro e fora desse país durante o restante de 2021 e até 2022.

Apêndice A. Extrato resumido: *Relatório Final sobre Quadros Conceituais e Conceitos e Definições sobre Migração Internacional* (27 de abril de 2021)

Relatório completo disponível em <https://unstats.un.org/unsd/demographic-social/migration-expert-group/task-forces/TF2-ConceptualFramework-Final.pdf>.

Introdução e antecedentes

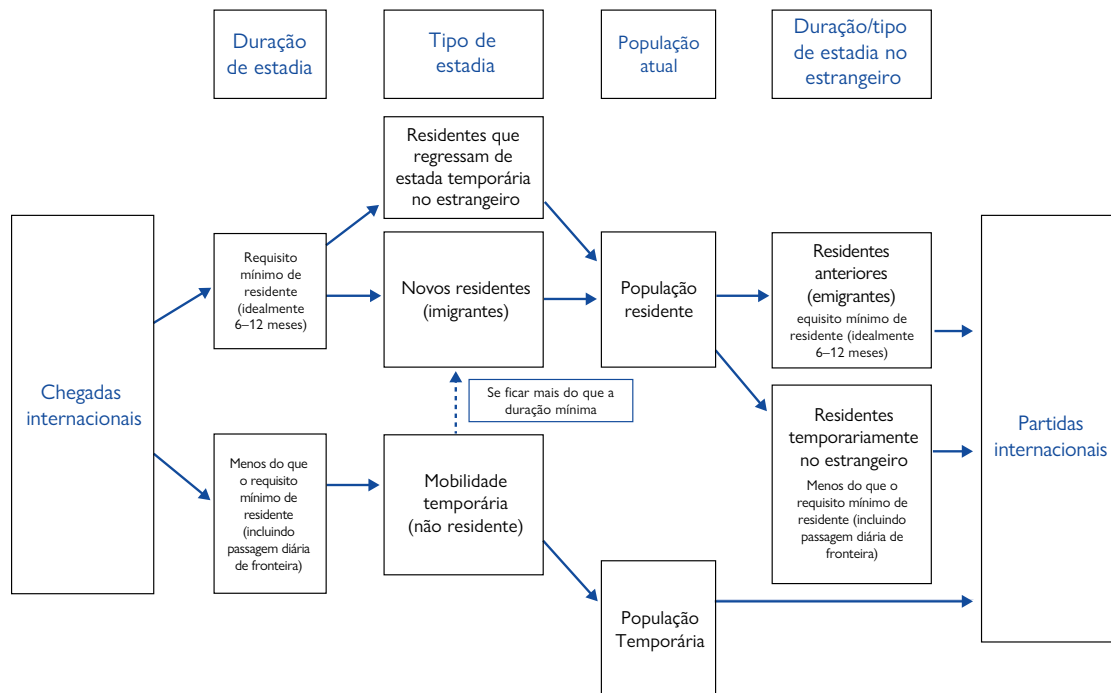
1. A Divisão de Estatísticas das Nações Unidas, sob a orientação do Grupo de Especialistas das Nações Unidas sobre Estatísticas de Migração, iniciou revisões das Recomendações de 1998 sobre Estatísticas de Migração Internacional (doravante “Recomendações de 1998”). Até agora, a definição de migrante internacional conforme estipulado nas Recomendações de 1998 tem apoiado até certo ponto a comparabilidade entre os países. No entanto, mais de 20 anos se passaram desde que as Recomendações de 1998 foram publicadas. Até a pandemia de covid-19 em 2020, os obstáculos da migração internacional foram reduzidos. Em particular, as modernas tecnologias de comunicação e a maior conveniência de viajar diminuíram o fardo psicológico de viver em outros países, pois os migrantes puderam permanecer em contato frequente com as suas famílias e amigos nos seus países de origem. Isso inclui movimentos temporários e permanentes associados a oportunidades de educação ou trabalho e aqueles devido a circunstâncias políticas ou ambientais. Também foram feitos acordos regionais que permitem movimentos livres entre determinados países, levantando novos desafios de medição mesmo para países com sistemas estatísticos relativamente desenvolvidos.
2. Aumentos nos níveis e mudanças nos padrões de migração internacional, incluindo requerentes de asilo e refugiados, intensificaram a demanda por dados precisos e oportunos. Os apelos por melhores dados de várias iniciativas enfatizaram a necessidade de coletar e usar estatísticas de migração para desenvolver políticas de migração baseadas em evidências e orientar a integração dos migrantes no planejamento do desenvolvimento nacional. Esses dados também são necessários para estimar populações e entender a mudança demográfica. Com o aumento da expectativa de vida e o declínio da fertilidade na maioria dos países do mundo, a migração tornou-se um componente cada vez mais importante das mudanças demográficas e sociais.
3. Dados de qualidade e oportunos sobre migração internacional são necessários por vários motivos. Estes estão cada vez mais relacionados ao crescimento ou declínio populacional, desenvolvimento econômico e preocupações ambientais. Por exemplo, os atores locais precisam de contagens oportunas de pessoas que usam os serviços locais (p. ex.: moradia, saúde e serviços sociais, escolas), enquanto as partes interessadas nacionais podem estar mais interessadas no tamanho, características e dispersão dos migrantes em todo o território nacional para avaliar os efeitos sobre mudanças populacionais e mercados de trabalho domésticos. Como a mobilidade internacional envolve movimentos de pessoas de um país para outro, é necessário compartilhar dados sobre esses movimentos e garantir que sejam comparáveis ao longo do tempo. Sem esses dados, não é possível estimar o tamanho das diásporas dos países no exterior ou comparar o tamanho e as características dos estoques e fluxos migratórios internacionais. Também não é possível atender aos requisitos de dados do Pacto Global das Nações Unidas para Migração Segura, Ordenada e Regular e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Como muitos países enfrentam dificuldades para coletar estatísticas sobre movimentos populacionais, ter um mecanismo para fortalecer a capacidade no desenvolvimento e melhoria das estatísticas de migração pode ser muito valioso.

Reconceituando Migração Internacional e Mobilidade

17. Nesta seção, delineamos a estrutura conceitual chave para mobilidade e migração internacional. A mobilidade internacional inclui todos os movimentos que cruzam fronteiras internacionais em um determinado ano. A migração internacional é definida de forma mais restrita como uma mudança no país de residência e é considerada um subconjunto da mobilidade internacional. Esses fluxos são essenciais para entender a mudança da população residente, que é a principal população usada para comparação internacional. Na nossa estrutura conceitual, dividimos as populações e a sua correspondente mobilidade internacional em dois grupos distintos: (i) população residente e migração internacional e (ii) população temporária (não residente) e mobilidade temporária internacional. A mobilidade temporária internacional inclui todas as passagens de fronteiras internacionais (eventos), exceto aquelas relacionadas a mudanças na população residente.
18. Definimos residência de acordo com os Princípios e Recomendações da ONU para Censos Populacionais e Habitacionais (Revisão 3, par. 2.50). Ou seja, recomenda-se que os países apliquem um limite de 12 meses ao considerar o local de residência de acordo com um dos dois critérios a seguir:
 - a. O local onde a pessoa viveu ininterruptamente durante a maior parte dos últimos 12 meses (ou seja, por pelo menos 6 meses e um dia), não incluindo ausências temporárias para férias ou trabalho, ou pretende residir por pelo menos 6 meses e um dia;
 - b. O local onde a pessoa residiu ininterruptamente pelo menos nos últimos 12 meses, não incluindo ausências temporárias para férias ou trabalho, ou pretende residir por pelo menos 12 meses.

...
27. Na Figura 2 apresentamos um quadro conceptual que liga as chegadas internacionais à população atual, que inclui todas as pessoas presentes no país num determinado momento, excluindo os residentes temporários no estrangeiro. O principal fator de distinção entre a migração internacional e outros movimentos populacionais internacionais é a duração da permanência no país ou no exterior. O critério para definir um migrante, portanto, deve ser a duração necessária para ser considerado parte da população residente. Na prática, isso implicaria uma duração de 6 meses ou 12 meses (ver par. 18) para que os fluxos migratórios coincidam com a variação anual da população residente. A mesma situação ocorre para partidas: as pessoas precisam estar ausentes e permanecer em outro país por tempo suficiente com base no requisito mínimo de residência para serem consideradas parte da população residente de outro país. As pessoas que permaneceram temporariamente em mais de um país por menos do que os critérios de duração mínima não podem estabelecer uma nova residência, portanto, ainda fazem parte da população residente de seu país de origem. No marco, incluímos os indivíduos que nunca integraram a população residente. Também incluímos a mudança de status de população temporária para população residente para pessoas que permanecem mais do que os critérios de duração mínima enquanto ainda estão presentes no país. As pessoas que permaneceram mais do que os critérios de duração mínima e não possuem um visto válido ou outra documentação de imigração devem ser consideradas parte da população residente.

Figura 2. Marco conceptual sobre a intersecção entre a duração da estadia e a mobilidade internacional



Referências*

Al Jazeera

- 2020 Coronavirus: Travel restrictions, border shutdowns by country. 3 de junho. Disponível em www.aljazeera.com/news/2020/6/3/coronavirus-travel-restrictions-border-shutdowns-by-country.

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)

- 2011 *Global Trends 2010*. Genebra. Disponível em www.unhcr.org/4dfa11499.pdf#:~:text=Global%20Trends%202010.%20Global%20Trends%202010.%2060%20years.,at%20the%20end%20of%202010.%2012%20million%20stateless.
- 2021a *Global Trends: Forced Displacement in 2020*. Genebra. Disponível em www.unhcr.org/flagship-reports/globaltrends/.
- 2021b *UNHCR Projected Global Resettlement Needs*. Genebra. Disponível em www.unhcr.org/protection/resettlement/5ef34bfb7/projected-global-resettlement-needs-2021-pdf.html.
- n.d.a Population Statistics. Disponível em http://popstats.unhcr.org/en/persons_of_concern (acessado em 23 de junho de 2021).
- n.d.b Resettlement. Disponível em <http://popstats.unhcr.org/en/resettlement> (acessado em 3 de maio de 2021).

Amuedo-Dorantes, C.

- 2014 The good and the bad in remittance flows. *IZA World of Labor*. Disponível em <https://wol.iza.org/articles/good-and-bad-in-remittance-flows/long>.

Aron, J. e J. Muellbauer

- 2019 *The Economics of Mobile Money: Harnessing the Transformative Power of Technology to Benefit the Global Poor*. Oxford Martin School, University of Oxford. Disponível em www.oxfordmartin.ox.ac.uk/publications/mobile-money.

Banco Mundial

- 2016 *Migration and Remittances Factbook 2016*. Terceira edição. Washington, D.C. Disponível em <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/23743/9781464803192.pdf?sequence=3&isAllowed=y>.
- 2021a Defying predictions, remittance flows remain strong during COVID-19 crisis. 12 de maio. Disponível em www.worldbank.org/en/news/press-release/2021/05/12/defying-predictions-remittance-flows-remain-strong-during-covid-19-crisis.
- 2021b *Remittance Prices Worldwide Quarterly*. Issue 37. Washington, D.C. Disponível em https://remittanceprices.worldbank.org/sites/default/files/rpw_main_report_and_annex_q121_final.pdf.
- n.d. Migration and Remittances Data (atualizado desde maio de 2021). Disponível em www.worldbank.org/en/topic/migrationremittancesdiasporaissues/brief/migration-remittances-data (acessado em 3 de junho de 2021).

* Todos os hiperlinks estavam funcionando no momento da redação deste relatório.

Benton, M., J. Batalova, S. Davidoff-Gore e T. Schmidt

- 2021 *COVID-19 and the State of Global Mobility in 2020*. Migration Policy Institute Europe, Brussels. Disponível em www.migrationpolicy.org/research/covid-19-state-global-mobility-2020.

Brookings Institution e Universidade de Berna

- 2010 *IASC Framework on Durable Solutions for Internally Displaced Persons*. Brookings Institution, Washington, D.C. Disponível em www.unhcr.org/50f94cd49.pdf.

Centro de Monitoramento de Deslocamento Interno (IDMC)

- 2019 *Global Report on Internal Displacement 2019*. Genebra. Disponível em www.internal-displacement.org/global-report/grid2019/.
- 2020 *Global Report on Internal Displacement 2020*. Genebra. Disponível em www.internal-displacement.org/global-report/grid2020/.
- 2021 *Global Report on Internal Displacement 2021*. Genebra. Disponível em www.internal-displacement.org/global-report/grid2021/.
- n.d. Global Internal Displacement Database. Disponível em www.internal-displacement.org/database (Acessado em 3 de junho de 2021).

Comissão Estatística da Organização das Nações Unidas

- 2021 *Report on the Fifty-second session of the Statistical Commission (1–5 de março de 2021)*. Nova York. Disponível em <https://unstats.un.org/unsd/statcom/52nd-session/documents/2021-30-FinalReport-E.pdf>.

de Beer, J., J. Raymer, R. van der Erf e L. van Wissen

- 2010 Overcoming the problems of inconsistent international migration data: A new method applied to flows in Europe. *European Journal of Population*, 26(4):459–481.

Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (DESA)

- 1998 *Recommendations on Statistics of International Migration: Revision 1*. Nova York. Disponível em https://unstats.un.org/unsd/publication/seriesm/seriesm_58rev1e.pdf.
- 2008 *International Migrant Stock: The 2008 Revision*. Nova York. Disponível em <https://esa.un.org/migration/index.asp?panel=1>.
- 2015 *World Population Prospects: The 2015 Revision*. Nova York. Disponível em https://esa.un.org/unpd/wpp/publications/files/key_findings_wpp_2015.pdf.
- 2021a *International Migrant Stock 2020*. Nova York. Disponível em www.un.org/development/desa/pd/content/international-migrant-stock.
- 2021b *International Migrant Stock 2020 Documentation*. Nova York. Disponível em www.un.org/development/desa/pd/sites/www.un.org.development.desa.pd/files/undesapd_2020_international_migrant_stock_documentation.pdf.
- 2021c *International Migration 2020 Highlights*. Nova York. Disponível em www.un.org/development/desa/pd/sites/www.un.org.development.desa.pd/files/undesapd_2020_international_migration_highlights.pdf.

- Dinarte, L., D. Jaume, E. Medina-Cortina e H. Winkler
 2021 *Not by Land nor by Sea: The Rise of Formal Remittances during COVID-19*. Development Policy Centre, Universidade Nacional Australiana, Canberra. Disponível em <https://devpolicy.org/Events/2021/Not-by-land-nor-by-sea-the-rise-of-formal-remittances-during-COVID-19-Dinarte-13Apr/full-paper-updated13Apr.pdf>.
- Divisão de Estatísticas da Organização das Nações Unidas
 2021 *United Nations Expert Group on Migration Statistics, Task Force 2: Task force on Key Concepts and Definitions related to International Migration*. Nova York. Disponível em <https://unstats.un.org/unsd/demographic-social/migration-expert-group/task-forces/taskforce-2>.
- Eurostat
 2020 Personal Remittances Statistics. Disponível em https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Personal_remittances_statistics (acessado em 2 de junho de 2021).
- Expert Group on Refugee e IDP Statistics (EGRIS)
 2018 Technical report on statistics of Internally Displaced Persons. Disponível em <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-manuals-and-guidelines/-/ks-gq-18-003>.
 2020 International recommendations on Internally Displaced Persons Statistics (IRIS). Disponível em <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-manuals-and-guidelines/-/ks-gq-20-005>.
- Fertig, M. e C.M. Schmidt
 2001 First- and second-generation migrants in Germany – What do we know and what do people think? *IZA Discussion Papers*, 286:1–48. Disponível em www.iza.org/publications/dp/286/first-and-second-generation-migrants-in-germany-what-do-we-know-and-what-do-people-think.
- Fundo Monetário Internacional (FMI)
 2020 Supporting migrants and remittances as COVID-19 rages on. *IMF Blog*, 11 de setembro. Disponível em <https://blogs.imf.org/2020/09/11/supporting-migrants-and-remittances-as-covid-19-rages-on/>.
- Gallagher, A. e M. McAuliffe
 2016 South-East Asia and Australia. Em: *Migrant Smuggling Data and Research: A Global Review of the Emerging Evidence Base* (M. McAuliffe and F. Laczo, eds.). OIM, Genebra. Disponível em https://publications.iom.int/system/files/smuggling_report.pdf.
- Ghosh, B.
 2006 *Migrants' Remittances and Development: Myths, Rhetoric and Realities*. OIM, Genebra. Disponível em <https://publications.iom.int/es/books/migrants-remittances-and-development-myths-rhetoric-and-realities> (acessado em 2 de junho de 2021).
- Hale, T., S. Webster, A. Petherick, T. Phillips e B. Kira
 2021 *Oxford COVID-19 Government Response Tracker Dataset*, Blavatnik School of Government, Oxford. (acessado em 3 de junho de 2021) Disponível em <https://covidtracker.bsg.ox.ac.uk/>.
- Johns Hopkins Coronavirus Resource Centre (CRC)
 2021 COVID-19 Dashboard. Disponível em <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>.
- Koser, K.
 2010 Dimensions and dynamics of irregular migration. *Population, Space and Place*, 16(3):181–193. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/psp.587>.

Kyaw, N.N.

- 2017 Unpacking the presumed statelessness of Rohingyas. *Journal of Immigrant and Refugee Studies*, 15(3):269–286.

McAuliffe, M., A. Kitimbo, A.M. Goossens e A.K.M. Ahsan Ullah

- 2017 Understanding migration journeys from migrants' perspectives. Em: *Relatório Mundial sobre Migração 2018* (M. McAuliffe e M. Ruhs, eds.). OIM, Genebra. Disponível em http://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2018_en_chapter7.pdf.

McAuliffe, M. e A.M. Goossens

- 2018 Regulating international migration in an era of increasing interconnectedness. Em: *Handbook of Migration and Globalisation* (A. Triandafyllidou, ed.). Edward Elgar Publishing, Cheltenham, pp. 86–104.

McAuliffe, M. e K. Koser

- 2017 Introduction. Em: *A Long Way to Go: Irregular Migration Patterns, Processes, Drivers and Decision-making* (M. McAuliffe e K. Koser, eds.). ANU Press, Canberra.

McAuliffe, M.

- 2020 Immobility as the ultimate “migration disrupter”. IOM Migration Research Series No. 64. 7 de agosto. Disponível em <https://publications.iom.int/books/mrs-no-64-immobility-ultimate-migration-disrupter>.

Neto, F.

- 1995 Predictors of satisfaction with life among second generation migrants. *Social Indicators Research*, 35:93–116.

Organização Internacional da Aviação Civil (ICAO)

- 2021 *Effects of Novel Coronavirus (COVID-19) on Civil Aviation: Economic Impact Analysis*. ICAO, Montreal. Disponível em www.icao.int/sustainability/Documents/Covid-19/ICAO_coronavirus_Econ_Impact.pdf.

Organização Internacional do Trabalho (OIT)

- 2018 *ILO Global Estimates on International Migrant Workers – Results and Methodology*. Segunda edição. Genebra. Disponível em www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_652001.pdf.
- 2021 *ILO Global Estimates on International Migrant Workers – Results and Methodology*. Terceira edição. Genebra. Disponível em www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_808935.pdf.

Organização Internacional para as Migrações (OIM)

- 2020a Relatório Mundial sobre Migração 2020 Interativo. Genebra. Disponível em <https://worldmigrationreport.iom.int>.
- 2020b Global Mobility Restrictions Update. Disponível em https://migration.iom.int/system/tdf/reports/DTM-Covid19%20Global%20Overview%20Output%202019.03.2020%20_0.pdf?file=1&type=node&id=7977.

- 2020c *COVID-19 Impact on Stranded Migrants*. COVID-19 Response, Return Task Force. Genebra. Disponível em www.iom.int/sites/default/files/documents/issue_brief_return_task_force.pdf.
- 2020d *Return and Reintegration Quarterly Bulletin – 2020 Q1*. Genebra. Disponível em www.iom.int/sites/default/files/our_work/DMM/AVRR/2020q1-returnandreintegrationquarterlybulletin.pdf.
- 2020e *Return and Reintegration Quarterly Bulletin – 2020 Q2*. Genebra. Disponível em www.iom.int/sites/default/files/our_work/DMM/AVRR/2020q2-returnandreintegrationquarterlybulletin.pdf.
- 2020f *Return and Reintegration Quarterly Bulletin – 2020 Q3*. Genebra. Disponível em www.iom.int/sites/default/files/our_work/DMM/AVRR/2020q3-returnandreintegrationquarterlybulletin.pdf.
- 2020g *COVID-19 Analytical Snapshot #16: International Remittances*. 17 de abril. Genebra. Disponível em www.iom.int/sites/default/files/documents/covid-19_analytical_snapshot_16_-_international_remittances.pdf.
- 2020h *COVID-19 Analytical Snapshot #53: International Remittances UPDATE*. 26 de agosto. Genebra. Disponível em www.iom.int/sites/default/files/documents/covid-19_analytical_snapshot_53_-_international_remittances_update.pdf.
- 2020i *COVID-19 Analytical Snapshot #55: Emerging Remittance Patterns*. 15 de outubro. Genebra. Disponível em www.iom.int/sites/default/files/documents/covid-19_analytical_snapshot_55_-_emerging_remittance_patterns_0.pdf.
- 2020j IOM Resettlement. Disponível em <https://publications.iom.int/system/files/pdf/resettlement-booklet-2020.pdf>.
- 2021a Travel Restrictions Matrix. Disponível em <https://migration.iom.int/sites/all/themes/fmp/pages/heatmap/matrix.php>.
- 2021b *COVID-19 Analytical Snapshot #66: International Remittances UPDATE*. 25 de janeiro. Genebra. Disponível em www.iom.int/sites/default/files/documents/covid-19_analytical_snapshot_66_-_international_remittances_update.pdf.
- n.d. Latest Global Figures: Missing Migrants Project: Tracking Deaths Along Migratory Routes. Disponível em <https://missingmigrants.iom.int/> (acessado em 20 de setembro de 2021).

Organização Mundial da Saúde (OMS)

- 2020 WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19. 11 de março. Disponível em: www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020.

Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)

- n.d.a International Migration Database. Disponível em <https://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=MIG> (accessed 2 September 2019).
- n.d.b Foreign-Born Employment. Disponível em <https://data.oecd.org/migration/foreign-born-employment.htm> (acessado em 2 de setembro de 2019).
- n.d.c Net ODA. Disponível em <https://data.oecd.org/oda/net-oda.htm> (acessado em 3 de setembro de 2019).

Poulain, M. e N. Perrin

- 2001 *Is the Measurement of International Migration Flows Improving in Europe*. Working Paper No. 12. Joint ECE–EUROSTAT Work Session on Migration Statistics organized in cooperation with the UN Statistics Division. Comissão Estatística das Nações Unidas e Comissão Econômica das Nações Unidas para a Europa (Eurostat). Genebra, 21–23 de maio. Disponível em www.unece.org/fileadmin/DAM/stats/documents/ece/ces/2001/05/migration/12.e.pdf.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

- 2009 *Human Development Report 2009*. Nova York. Disponível em www.hdr.undp.org/sites/default/files/reports/269/hdr_2009_en_complete.pdf.

Ratha, D., S. De, E.J. Kim, S. Plaza, G. Seshan e N.D. Yameogo

- 2020a *Migration and Development Brief 32: COVID-19 Crisis Through a Migration Lens*. KNOMAD, Banco Mundial, Washington, D.C. Disponível em www.knomad.org/publication/migration-and-development-brief-32-covid-19-crisis-through-migration-lens.
- 2020b *Migration and Development Brief 33: Phase II: COVID-19 Crisis Through a Migration Lens*. KNOMAD, World Bank, Washington, D.C. Disponível em www.knomad.org/publication/migration-and-development-brief-33.

Ratha, D., E.J. Kim, S. Plaza e G. Seshan

- 2021 *Migration and Development Brief 34: Resilience: COVID-19 Crisis Through a Migration Lens*. KNOMAD, Banco Mundial, Washington, D.C. Disponível em www.knomad.org/publication/migration-and-development-brief-34.

Skeldon, R.

- 2018 International migration, internal migration, mobility and urbanization: Towards more integrated approaches. Migration Research Series, n° 53. OIM, Genebra. Disponível em https://publications.iom.int/system/files/pdf/mrs_53.pdf.

Toh, A.

- 2020 Big data could undermine the COVID-19 response. *Wired*, 12 de abril. Disponível em www.wired.com/story/big-data-could-undermine-the-covid-19-response/.

Triandafyllidou, A. (ed.)

- 2018 *Handbook of Migration and Globalization*. Edward Elgar Publishing, Cheltenham.

Zuboff, S.

- 2021 The pandemic all but killed privacy. It's not too late to bring it back. Entrevista com Prof. Soshanna Zuboff em podcast de *Marketplace* "Make me smart", episódio 420, 27 de abril. Disponível em www.marketplace.org/shows/make-me-smart-with-kai-and-molly/the-pandemic-all-but-killed-privacy-its-not-too-late-to-bring-it-back/.